

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RELAÇÕES SOCIAIS E PRISIONIZAÇÃO:

O caso da Penitenciária de Florianópolis

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Ciências  
Sociais da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para obtenção do Grau  
de Mestre em Ciências Sociais.

- Opção Antropologia -

OLGA MERCEDES PAEZ DE GIGENA

FLORIANÓPOLIS, JANEIRO DE 1989.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RELAÇÕES SOCIAIS E PRISIONIZAÇÃO:

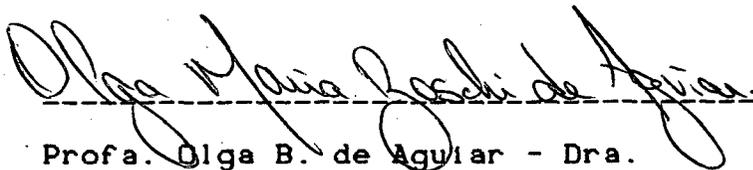
O caso da Penitenciária de Florianópolis

OLGA MERCEDES PAEZ DE GIGENA

Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final pelo Orientador e Membros da Banca Examinadora, composta pelos Professores:



Prof. Dennis Werner - Dr.



Prof. Olga B. de Aguiar - Dra.



Prof. Silvio Coelho dos Santos - Dr.

## SUMÁRIO

RESUMO.....	1
ABSTRACT.....	11
O VOCABULÁRIO DA PRISÃO.....	111
APRESENTAÇÃO.....	iv
INTRODUÇÃO.....	1
QUESTÕES TEÓRICAS.....	3
CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	11
Critérios metodológicos.....	12
As entrevistas.....	14
O trabalho de campo.....	16
CAPÍTULO 2 - A PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS.....	20
O PRESÍDIO VISTO POR FORA.....	20
A REALIDADE DA PRISÃO.....	21
AS INSTALAÇÕES FÍSICAS: O palco.....	22
O Regime Fechado.....	24
O Regime Semi-aberto.....	29
PRESOS E FUNCIONÁRIOS: As personagens.....	31
Os guardas.....	32
Os presos segundo guardas e juizes.....	35
Os funcionários.....	36

A Direção da Penitenciária.....	39
A Assistente Social.....	40
OS ATORES ENCENANDO: O drama.....	42
A Semana do Sentenciado.....	42
As Olimpíadas Internas.....	44
O Concurso de Calouros.....	45
CAPÍTULO 3 - A VIDA NA PRISÃO.....	48
O Ingresso.....	48
Um dia na vida de um preso no Regime Fechado.....	50
O MUNDO DA "MASSA".....	58
A organização social na prisão.....	58
A linguagem da prisão.....	58
As categorias sociais dentro da "massa".....	61
O Malandro.....	62
O Jurão.....	63
O Loque.....	63
Os Espertos.....	64
A Ralé da prisão.....	65
O uso do espaço.....	66
As atividades cotidianas.....	69
As relações entre os presidiários.....	70
A troca de favores.....	72
Os favores de guardas e funcionários.....	73
CAPÍTULO 4 - PRISIONIZAÇÃO.....	76
TEORIAS SOBRE O FENÔMENO DE PRISIONIZAÇÃO.....	76
INDICADORES DE PRISIONIZAÇÃO.....	80

Número de malandros citados.....	80
Recaída no delito.....	81
Voltar a prisão.....	81
Castigo por desrespeito.....	82
Culpar os outros.....	83
ANÁLISE DOS INDICADORES.....	85
Correlações entre indicadores.....	85
O tempo de encarceramento e a "prisionização".....	86
Moralidade criminal e tempo atrás das grades.....	88
A origem do preso.....	89
As visitas.....	90
Laços sociais e "prisionização".....	93
Fatores relacionados à "Identidade Criminal".....	96
CONCLUSÕES.....	100
BIBLIOGRAFIA.....	109

#### ANEXOS

Questionário aplicado aos guardas

Questionário aplicado aos presos

## RESUMO

O Sistema Carcerário é atualmente o instrumento mais importante utilizado pelo Estado para o controle da criminalidade.

A valorização da prisão no controle do crime estaria justificada principalmente por três aspectos desta instituição: 1) o aspecto punitório, que serviria para inibir os atos criminosos da população geral; 2) a própria reclusão, que tira criminosos da rua e 3) a possibilidade de utilizar a prisão como agente de <sup>reabilitação</sup> reabilitação dos criminosos.

Em relação com este último aspecto, alguns autores afirmam que, pelo contrário, a permanência em prisão faz com que os internos sofram um processo de aculturação compulsiva aos padrões sociais existentes na prisão, o que viria a prejudicar sua reinsertão na comunidade livre.

Com a finalidade de estudar esta situação, este trabalho analisa as particularidades do ambiente físico no qual transcorre a vida dos sentenciados na Penitenciária de Florianópolis, as redes de relações sociais constituídas no interior da prisão e o interrelacionamento entre presos, guardas e funcionários. *Objetivo da obra*

Durante a pesquisa foi dada especial atenção aos fatores que podem estruturar ou modificar a personalidade de um indivíduo que passa parte de sua vida na prisão, com objetivo a analisar a ocorrência do fenômeno de aculturação compulsiva, chamado por Donald Clemmer de "prisionização".

## ABSTRACT

Imprisonment is now-a-days the State's most important instrument for crime control.

The value of imprisonment in crime control should be based mainly on three aspects of this institution: 1) punishment, that would serve to inhibit criminal acts of the general population; 2) reclusion itself, that removes criminals from the streets and 3) the possibility of using prisons to re-habilitate criminals.

Relative to the last aspect, some authors state that, on the contrary, every man inside the prison undergoes a compulsive aculturation process to prison social patterns which is prejudicial to his re-insertion into free community.

In order to study this situation, the present work analyses particularities of the physical environment where Florianopolis Prison inmates life goes by, the social networks created inside the prison and the inter-relation between prisoners, guards and prison employees.

To analyse the "compulsive aculturation" phenomenon, named "prisonization" by Donald Clemmer, special care was given during research to those factors that can structure or modify inmate personality.

---

## O VOCABULÁRIO DA PRISÃO

### Dialéto - Gírico da Penita de Floripa

acusa: promotor, delegado.

adeva: advogado ou advogada.

água-suja: café da manhã.

aí: convidar outro a ter relações sexuais.

analf: analfabeto, iletrado.

anfi-tela: sala de TV.

apagar: matar.

arrego: apoio, favor.

arrevê: arrevelia, de qualquer jeito.

atreta: briga, discussão, jogada suja.

avião: quem passa, serve de traficante-passador ao  
traficante-proprietário da droga.

babi-laque: bilhete, carta, sinônimo de "patuazinho".

baía: casa, residência.

bagulho: objeto roubado, contrabando.

barro: fezes.

baseado: cigarro de maconha.

bater com a língua nos dentes: falar o que não se deve,  
entregar alguém.

beca: calça, terno.

berro: revólver.

bicão: observador, espião, sentinela.

bico de bule: referência ao tamanho do pênis.

blá-blá: conversa fiada.

bôbo: coração.

bode: corpo.

bodear: morrer, dormir.

bote: tiro, facada, sinônimo de "teco".

boca de pito: cafezinho.

boi no espeto: churrasco.

boi ralado: carne moída

brina: de Setembrina; amante, homossexual que faz o papel de  
fêmea, idem "guri" ou "meu piá".

bronha: masturbação.

bundão: o mesmo que otário.

bussa: mulher, moça.

cahorro do governo: guarda.

cafuné: ter relações sexuais.

cagoeta: sujeito que delata.

camarão: quantia de maconha equivalente a um cigarro,  
parte boa da maconha.

camburrão: copo, prato, vasilha qualquer

cano: arma de fogo, veia sanguínea.

"meter o cano": assaltar ou matar.

"dar nos cano": injetar tóxico nas veias.

canto-fé: igreja.

capa preta: juiz.

cordão: vela.

curreal: cela.

casa de caboco: artífice para arrolar alguém num processo,  
numa briga ou numa emboscada.

casca de jaca: sujeito sujo, que não se lava, pessoa feia.

casudo: falso, alguém em quem não se pode confiar.

"dar casudo": bater, dar socos.

castelos: sonhos. "Construir teus castelos".

cavalo doido: correr, fugir, "dar o fora".

chapado: dopado, entorpecido.

checa: vagina.

chiba: vagina.

chico doce: arma.

chinelo: vagabundo vulgar, que furta a pobre ou qualquer migalha.

clínico geral: que rouba, mata, trafica, "faz tudo".

confa: atrito, discussão.

cristo: seringa.

crocodilo, croco: traidor, falso, mata por emboscada.

cumbuca: camburão.

dançou: recebeu castigo.

dar um gêlo: fazer esperar, judiar, maltratar.

dar com a língua: falar demais, falar o que não deve.

embalo: fazer a cabeça de outro.

enrustido: camuflado.

escamoso: sujeito falso, peixe.

filas: roubar, levar.

fino: cigarro de maconha.

floripa: Florianópolis.

franchone, franchona: amante homossexual que faz o papel de macho.

fumo murrugado: maconha granulada, enrugada.

furão: sujeito que deixa a desejar, que faz algo errado.

fusaca: prostituta/o.

gibi: jornal, livro, revista.

girica: revista corporal ou da cela feita pelos guardas.

goiaba: louco, neurótico, abobado.

granada: almôndega de carne.

grelo: pênis pequeno.

grinfa: seringa.

guri: amante, moço jovem e bonito para se manter relações sexuais.

horinha: pátio.

jaca: serra.

jega: cama. "está de jega": está dormindo ou deitado.

jesus: tóxico injetável.

juba: cabelo ou barba.

laranja: covarde, mandado-subordinado a alguém, inocente  
que assume um crime, pode guardar uma faca para outro.

ligação: dar um recado, levar uma coisa a outro.

limpeza: gente amiga, gente boa, qualquer pessoa amiga, inclusive  
a polícia ou guardas.

lixa: serra.

loque: ingênuo, não malandro, abobado.

lorde: ânus.

mãezinha, mãe: idem guri.

máquina: arma de fogo.

manho: policial, guarda.

manja: observa os genitais alheios.

manla: bunda, nádegas.

marcão: que deixa furos, sujeito despreparado que se deixa prender.

marrocos: pães.

matar bem-te-ví a soco: masturbar-se

melão: nádegas.

menina: idem guri.

mergulhão: carne ensopada.

micha: chave falsa, serra.

micar: serrar ou abrir.

miguelão: malandro esperto, que faz trapanças e não é punido

mina: namorada, amante.

mocó: esconderijo de malandro, lugar de esconder o produto do roubo.

moita: esconderijo, segredo. "ficar na moita": ficar calado.

não vai na pilha: não se deixa influenciar.

olho biônico: abertura pequena na porta da cela.

otário: quem não se enturma, quem não fuma maconha.

pacotera: grande quantidade de droga.

papagaio: rádio, bilhete.

papel, papelote: uma grama de cocaína.

patuá: processo, coisa enrolada, complicação escrita.

patuazinho: bilhete.

pé de mesa: pênis avantajado, grande.

peita: camisa, blusa.

penita: penitenciária.

penosa: galinha.

perereca: aquecedor de água elétrico, construído artesanalmente.

pêssego: testículo.

pestear: dormir.

pinoti: fugir, correr da polícia. "Dr. Pinoti": o melhor advogado.

ponte: idem ligação.

quebra-jejum: café da manhã.

queima arquivo: elimina possíveis pistas.

rabo quente: idem perereca.

rango: refeições.

rato: polícia.

rato de xadrez: preso que rouba a outro preso.

redia: pênis de homossexual passivo.

ricardão: amante da mulher do preso.

roer: serrar.

sal: tóxico injetável comum.

salzinho: espermatozóide.

sirí: ficar calados, "fazer boca de sirí".

solado: bife.

solado cascudo: bife à milanesa.

solera: pátio.

sujo: sujeito não confiável.

tá de verso: está dormindo, está deitado.

tatú: buraco para fugir.

teco: tiro.

tereza: corda para passar recados de uma cela a outra.

testa-de-ferro: sujeito que mata por encomenda, que faz a frente numa fuga.

torrão: pedaço de maconha.

tranco: relação sexual.

trampo: executar uma tarefa no mundo do delito.

vagal: vagabundo, malandrão.

vagal cocô: vagabundo sem caráter, que rouba pobres.

vagal quente: que rouba bancos, mata e não deixa pistas.

verruca: pênis pequeno.

vetera: médico.

viajar: dormir drogado, alucinar-se.

xadra: cubículo.

xarope: louco, neurótico, excêntrico, crente.

Os números indicados a seguir são frequentemente parte do vocabulário da prisão por ter relação com artigos do Código Penal.

71: estelionatário, enrolador, cambalachero.

21: assassino, matador.

57: assaltante, latrocida.

55: ladrão vulgar.

12: traficante, passador.

16: viciado.

## APRESENTAÇÃO

Desde os tempos em que era estudante da Escola de Serviço Social, tive sempre a preocupação de conhecer a realidade da vida no interior de uma instituição correcional. Considerando os presidiários como seres humanos sujeitos a condições especiais de vida, o meu interesse era entender o porquê do tratamento violento e vexatório que as autoridades e os guardas infringiam aos presos, conforme informavam os meios de comunicação de massa e ainda os trabalhos e comentários apresentados por assistentes sociais com vivência neste tipo de instituições.

Cursando a Pós-graduação em Antropologia Social, adquiri subsídios teóricos sobre certos aspectos do relacionamento social e das instituições criadas pelos homens que confirmaram o que eu já intuí na minha época de estudante da graduação: \*os presidiários são pessoas, não muito diferentes de nós mas respondendo de forma diferente às exigências da estrutura social.\*

Trabalhar nesta pesquisa permitiu-me ainda um conhecimento mais íntimo do tema através do contato pessoal com presos, autoridades e funcionários do Sistema Penitenciário e, graças à eficiente contribuição do meu orientador, Professor Dennis Werner, encontrar uma metodologia para processar os dados obtidos de forma a garantir um mínimo de objetividade na hora de elaborar as conclusões.

✓ Entendendo melhor o funcionamento do Sistema Penitenciário, descobri o que ele representa no contexto da sociedade e tenho a convicção que são as classes dominantes as que em definitivo estabelecem o que é o Direito e que o delinquente não é mais que o

agente selecionado pelos mecanismos do Estado para justificar a permanência do Sistema como um todo.\*

Intimamente sinto que o pesquisador social não tem o direito de julgar a qualidade humana do delinquente, se ele merece ou não o tratamento que recebe dentro do Sistema Penitenciário. O presidiário tem os direitos básicos de qualquer ser humano.

Realizando este trabalho creio ter ganho muito -pessoal e profissionalmente- e devo agradecer especialmente ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e ao CNPQ, que facilitaram os recursos para poder avançar na pesquisa, assim como às autoridades da Penitenciária de Florianópolis, particularmente aos funcionários da Divisão Penal que durante os anos 1985 e 1987 facilitaram meu acesso à documentação sobre os presidiários, permitindo as entrevistas que realizei.

Não posso deixar de lembrar com gratidão os ex-presidiários e os presos que aceitaram ser entrevistados, especialmente o Gerson, que me ajudou a confeccionar o "Dialeto Gírico da Penita de Floripa"; o Samoel, recitando seus poemas, sempre com fé e otimismo no futuro; O João, por suas lindas cartas. Também o Luiz, que durante o desenrolar da pesquisa ficou em liberdade e voltou logo à cadeia, preso em flagrante, reincidindo no delito.

Meu reconhecimento para o Hugo, meu esposo, sem cuja ajuda e compreensão este meu empreendimento não teria chegado ao término.

"O sistema carcerário junta numa mesma figura discursos e arquitetos, regulamentos coercitivos e propostas científicas, efeitos sociais reais e utopias invencíveis, programas para corrigir a delinquência e mecanismos que solidificam a delinquência" (Foucault)

## INTRODUÇÃO

Desde o século XVIII, a reclusão veio gradativamente substituir, quase que universalmente, o castigo físico como punição aos contraventores das regras da sociedade. Em épocas relativamente recentes, o conceito de punição vinculado ao sistema carcerário foi ainda modificado para priorizar a reeducação do detento de forma que este pudesse se reintegrar na sociedade, afastando-se da carreira criminosa. (Neuman, 1971)

Desde então, o grau de reincidência no delito vem sendo cada vez mais utilizado para caracterizar o nível de eficiência do sistema carcerário, agora chamado "correcional". Meditando sobre isto e constatando que a reincidência continua a ser muito alta na maior parte das sociedades, apercebi-me do fato de que esta nova conceituação da prisão admite outra leitura: se a prisão tem de fato a possibilidade de modificar o comportamento do seus internos, isto pode conduzir a dois caminhos.

Se por um lado pode ocorrer que a prisão consiga transformar um criminoso em um bom cidadão, por outro lado ela também pode transformar um bom cidadão em criminoso. Esta última hipótese foi explorada por diversos pesquisadores como Goffman (1961), Thompson (1976) e Harris (1975), entre outros.

Com este interrogante na mente, perguntei-me inicialmente se haveria alguma explicação para a reincidência de alguns e a não-reincidência de outros. Podia acontecer que o Sistema

Penitenciário ocultasse algumas fendas através das quais o preso pudesse fugir da estatística que indica que um ex-presidiário tem altas probabilidades de recair no delito. Ou, pegando a questão pelo avesso: até que ponto o grau de reincidência por parte de ex-detentos é consequência de sua permanência atrás das grades?

Determinada já a pesquisar sobre o assunto, comecei a consultar teorias e hipóteses já formuladas que pudessem ser úteis para clarear determinados aspectos do sistema social e de poder constituído por um conjunto representativo de indivíduos forçados a permanecerem juntos durante longos períodos de tempo, assim como a forma em que esses aspectos poderiam modificar a personalidade de um interno em uma prisão.

Era preciso buscar um enfoque teórico que por um lado, proporcionasse critérios concretos para a classificação do material da pesquisa e que, por outro lado, fosse bastante aberto e flexível para evitar que a pesquisa se limitasse a aspectos isolados deste sistema social baseado na força em estado quase puro (porque só a força da sociedade através da instituição prisional mantém esta comunidade unida). O conceito que pareceu reunir ambos os requisitos foi o da "prisionização" dos internos em unidades correcionais, formulado por Donald Clemmer (1970).

Neste trabalho dei especial atenção aos fatores que podem estruturar ou modificar a personalidade de um indivíduo que passa grande parte de sua vida no presídio. Portanto, estudei em primeiro lugar as particularidades do ambiente físico no qual transcorre a vida dos entrevistados, as pessoas que se encontram no interior do ambiente (presos, funcionários e guardas) assim como o relacionamento entre eles (cap 2). Isto permitiria também situar-me no universo da

pesquisa e procurar fatores estruturais que ajudassem a explicar o comportamento dos internos.

O seguinte passo (cap 3) foi detectar as regras que marcam o interrelacionamento no interior da prisão. Para isso, tentei apreender o cotidiano da penitenciária, as nuances das atividades do dia-a-dia dos presidiários, guardas e funcionários.

Finalmente, o capítulo 4 foi consagrado à discussão das teses que consideram que no interior das prisões ocorre o fenómeno de "prisionização" ou "aculturação compulsiva" do interno, fenómeno este que prejudicaria irrevogavelmente a reinserção do mesmo na sociedade.

#### QUESTÕES TEÓRICAS

A instituição da Prisão da forma como a conhecemos hoje, data de fins do século XVIII, quando pessoas como John Howard (1721-1796) e Jeremias Benttham (1748-1832) advogaram pela construção de prédios especiais para as prisões, como uma forma de superar a promiscuidade, o esquecimento e o maltrato dos presos nos castelos ou nas adegas dos navios.

Porém, o castigo aos indivíduos que desrespeitam as normas e costumes da sociedade vem de longe: nas sociedades escravistas os prisioneiros por terem cometido faltas, terem sido sequestrados ou capturados na guerra, eram usados como mão de obra escrava e alguns delitos eram penalizados com castigos corporais, mutilações e, às vezes, com a morte do acusado. Aplicava-se a Lei do Talião, sendo que usualmente eram as próprias vítimas ou os seus parentes os que executavam a vingança.

Depois, esta forma de compensação ou vingança individual foi evoluindo até que a pena passou do domínio privado para o público, adquiriu fundamento político e tornou-se um dever jurídico. Contudo, as punições atrozes e a exibição das cenas de terror sobre o corpo dos condenados se alastraram até finais do século XVIII, época em que a nova pena de reclusão veio, em tese, substituir àquelas práticas e impôs a vontade da sociedade sobre o corpo e o intelecto do sentenciado com uma modalidade que, embora institucionalizada, não deixa de ser dolorosa. (Neuman, 1971).

Na verdade, a idéia da reclusão como penalidade remonta do século V, quando a Igreja punia os membros do clero através da segregação, no entendimento que esta estimulava o arrependimento do réu. Assim, foi-se gestando um sistema de solidão e silêncio, de meditação e oração na reclusão da cela. O resgate do pecado pela dor. O remorço pela má ação e a purificação da alma manchada pela culpa.

Ao instituir a pena da prisão, a sociedade adotou aquelas mesmas preocupações higiênicas, o isolamento e o silêncio como princípio de ressocialização, tal como assinalara Michael Foucault (1975: 212):

"O isolamento assegura o encontro do detento a sós com o poder que se exerce sobre ele... pede-se a relação do indivíduo com sua própria consciência e com aquilo que pode iluminá-lo de dentro"

Com o tempo, acrescenta-se à sistemática da prisão, a conceitualização do trabalho como agente de transformação carcerária

"Não é um lucro; nem mesmo a formação de uma habili-

dade útil mas a constituição de uma relação de poder, de uma forma econômica vazia, de um esquema de submissão individual e de seu ajustamento a um aparelho de produção" (Foucault, 1975: 217)

A prisão é o local de execução da pena e, ao mesmo tempo, o local de observação dos indivíduos punidos em dois sentidos: por um lado o da vigilância e, pelo outro, o sentido do conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhoria. As prisões deveriam ser concebidas como um local de formação para contribuir a um saber clínico sobre os condenados.

"vigilância e observação, segurança e saber, individualização e totalização, isolamento e transparência, tema do Panóptico encontrou na prisão seu local privilegiado de realização" (Foucault, 1975: 221)

A privação da liberdade, que deveria constituir uma superação da etapa dos suplícios como forma de modificar a conduta dos indivíduos, apresenta também seus efeitos colaterais

"A prisão torna possível, ou melhor favorece a organização de um meio de delinquentes, solidários entre si, hierarquizados, prontos para todas as cumplicidades futuras. A prisão fabrica indiretamente delinquentes ao fazer a família do detento cair na miséria:" (Foucault, 1975: 35)

De fato a prisão cumpre, à sua maneira, uma condição que vem desde as origens da humanidade: a de ferrar o delinquente com um estigma que o marque perante o resto da sociedade:

"... o suplício faz parte de um ritual. é um elemento na liturgia punitiva que obedece a duas exigências. Em relação a vítima, ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no

corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima... E pelo lado da justiça que impõe, o suplício deve ser ostentoso, deve ser constatado por todos, um pouco como seu triunfo." (Focault, 1975: 35)

Por sua vez, José Ricardo Ramalho (1979), ao tentar expor o problema sob a perspectiva dos presos de uma cadeia pública brasileira, destaca que:

"Por mais que se conclua que a instituição pune em excesso e devolve à sociedade um homem marcado para sempre, exatamente por ter passado pela cadeia, ainda assim os autores das críticas, eles mesmos, permanecem irremediavelmente presos à idéia de que a prisão é vital para a ordem da sociedade" (Ramalho, 1979: 156)

Assim, Ramalho descobre também que, nas críticas à instituição prisional, o conceito geral de que uma prisão é uma escola do crime; que o sistema não concorre para liquidar nem diminuir a delinquência mas pelo contrário, para reproduzi-la e aumentá-la; que o sistema penitenciário baseado no presídio é inevitável e constata que a estigmatização da prisão constitui a concretização da atitude com que são marginalizados os setores menos favorecidos da sociedade.

"Assim, como se não bastasse a árdua luta pela sobrevivência (os grupos mais pobres da sociedade) ainda tem que lidar cotidianamente com a repressão oficial da sociedade através da polícia, que encontra nos locais de moradia desse setor majoritário da população brasileira, um vasto campo para exercer sua atividade coercitiva" (Ramalho, 1979: 164)

A função retaliadora da prisão, de puro castigo dos contraventores, é assinalada por Paulo Pinheiro (1985) quando diz que para um país de alta taxa de exploração dos setores mais pobres da população, a prisão não pode senão ser transformada em um inferno para que ninguém queira ir para lá.

Esta característica da prisão e da origem social dos seus internos é também analisada por Rubem Oliven (1982) para quem o contraste entre ostentação e indigência é encarado tradicionalmente como o elemento que fornece a base necessária ao surgimento da delinquência na classe baixa. Poder-se-ia encará-la também como estratégia de sobrevivência naqueles lugares onde as desigualdades sociais são gritantes. Oliven alerta contudo, que esta situação não deve levar ao "engodo" de imputar mecânicamente a criminalidade à pobreza.

Por fim, Percival de Souza (1985) coloca às claras a ironia encerrada nas tentativas dos setores mais progressistas da sociedade de enquadrar o sistema penitenciário em perspectivas mais humanas:

"É impressionante, é incrível. Ao longo das últimas décadas foram feitas três grandes mudanças no Sistema Penitenciário: a primeira foi tirar as listras dos uniformes; a segunda foi tirar o número do preso que era bordado por fora e passou a ser bordado por dentro; a terceira foi trocar o nome de sentenciado para reeducando." (Souza, 1985: 118)

Através da construção teórica da Instituição Total, Erving Goffman (1961) fundamenta a tese de que uma passagem pela prisão modifica o comportamento social do indivíduo, favorecendo a reincidência no delito. A prisão é caracterizada por Goffman como uma Instituição Total, sendo seu caráter de TOTAL expressado pela existência de uma soberania própria (embora esta lhe seja outorgada pela sociedade extra-muros) assim como pela sua característica de fechamento, marcada pela existência de barreiras que inibem o contato dos internos com o mundo exterior: proibições para sair, portas trancadas, muros altos e guardas armados que caracterizam o esquema físico de segurança.

Este tipo de instituição é organizada para proteger a comunidade do perigo representado pelos elementos internados e o bem-estar dessas pessoas não constitui o seu objetivo principal. Apesar da soberania da instituição, os membros dela não gozam do poder de decidir o que é justo ou o que é melhor para organizar a vida dentro da prisão.

Também provem do exterior a reprodução das condições de subsistência material da comunidade intra-muros sem significar, contudo, que não exista dentro do presídio algum tipo de produção de bens de consumo mas, sem formar parte de um aparelho econômico já que não existe um sistema de intercâmbio econômico que vincule abertamente a produção com o consumo.

"desenvolvem-se dois mundos sociais e culturais diferentes, que caminham juntos com pontos de contato oficial, mas com pouca interpenetração"  
(Goffman, 1961: 20)

Outro pesquisador, que constitui um marco na conceituação da figura do condenado, é Donald Clemmer (1970) que visualiza o preso como um indivíduo sujeito aos condicionamentos de um meio social ao qual pertence por razões alheias a sua vontade e em cujo interior é forçado a viver durante períodos mais ou menos longos. Clemmer denomina o fenômeno de aculturação ou assimilação compulsiva aos padrões culturais vigentes no interior da prisão, de "Prisionização".

Augusto Thompson (1976) é, quiçá, o autor brasileiro que melhor enquadra a problemática da prisão a partir dos enfoques clássicos como os de Sykes e Clemmer, incorporando-lhes uma rica vivência como funcionário com longa carreira dentro do Sistema Penitenciário Brasileiro. Não é a solidão que perturba os indivíduos na comunidade

carcerária mas sim a vida em massa, que obriga aquele que ingresa na sociedade penitenciária a submeter-se a um processo de assimilação:

"O termo prisionização indica a adoção, em maior ou menor grau, do modo de pensar, dos costumes, dos hábitos, da cultura geral da penitenciária (Thompson, 1976: 52)

O fenômeno de prisionização afeta tanto aos presos quanto aos funcionários e é assim que Thompson encontra a explicação de atitudes como aquela do Diretor que manda sua tropa submeter os presos a uma agressão indiscriminada. Isto seria porque, quando este funcionário está atrás dos muros da prisão, troca a escala de valores da vida livre por outra escala diferente, fornecida (ou impingida) pelo sistema social da penitenciária, embora de uma forma já esterotipada e amparada por racionalizações que a disfarçam.\*

Em resumo, a privação da liberdade continua a ser a principal e mais comum das penas aplicadas para as condutas anti-sociais, constituindo mais uma instância do processo de evolução do comportamento da sociedade com os contraventores de suas regras. Ao longo do tempo, diversos criminalistas e pensadores ressaltaram a razão de ser da prisão no controle do crime e da criminalidade através do cumprimento de uma das três funções básicas que a caracterizariam: a) a vindicativa ou punitiva que inibe, pelo terror, os atos criminosos da população geral; b) a utilitária que, ao tirar criminosos da rua, evita que estes cometam novos delitos e c) a correcional, através da qual são desenvolvidos programas de reabilitação que regeneram o preso e permitem a sua reinserção na comunidade livre.

Nenhuma destas funções tem demonstrado maior eficácia no controle do crime e continua a ser um desafio intelectual e político estabelecer alternativas para a pena da prisão, vencendo os interesses econômicos envolvidos, os obstáculos morais, as resistências preconceituosas e a desconfiança dos agentes do poder público.

## CAPÍTULO 1

### PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Antes de começar a pesquisa na Penitenciária de Florianópolis, imaginava que teria que resolver problemas de ordem prática. Na bibliografia pesquisada, tomei conhecimento de autores que tinham tido dificuldades para conseguir a autorização para ingressar na penitenciária. Ricardo Ramalho (1979) por exemplo, precisou da ajuda de amigos; outros já trabalhavam ou tinham algum tipo de relacionamento profissional com a instituição, como Augusto Thompson (1976) ou Julita Lemgruber (1983).

Portanto, iniciei com certo receio o procedimento burocrático normal, escrevendo uma carta para a Secretaria da Justiça, apresentando o aval da Universidade, solicitando a tal autorização e expondo os motivos pelos quais desejava entrar em contato com os presos e funcionários da Penitenciária. Contudo, decidi não confiar apenas no andamento do processo e, conhecendo onde fica a Penitenciária, que é por demais conspícua na cidade e pela qual eu passava quase todos os dias, resolvi agir diretamente e apresentar-me pessoalmente ante as autoridades da Prisão.

Pedi para falar com o pessoal de Tratamento Psicossocial, mas a Assistente Social tinha se demitido e a vaga não havia sido ainda preenchida, de modo que acabei sendo orientada por duas moças

estagiárias que tomavam conta da assistência aos presidiários. Estas duas estudantes me apresentaram ao Diretor do Conselho Penitenciário. Através deste, cheguei ao Diretor Geral e, nesse mesmo dia, saí com a autorização para começar e um escritório para trabalhar.

Assim funcionava a Penitenciária em 1985, quando iniciei minha coleta de dados para a pesquisa; quando o Diretor Geral era "novinho em folha", com poucos dias na sua função. Um ano depois o panorama tinha mudado: eu era revistada toda vez que ingressava e aquela primeira guarita -que eu havia conhecido como uma recepção- transformou-se em uma Sala de Revista, com policiais femininos em plantão permanente. Os muros tinham aumentado sua altura e as restrições para circular no interior do prédio eram muito rigorosas.

#### Critérios metodológicos

A maior parte dos dados foi colhida através de entrevistas com internos e funcionários, embora eu tenha vasculhado também os arquivos da prisão para alguns assuntos específicos. No início da pesquisa, 31 de maio de 1985, a Penitenciária de Florianópolis alojava 261 presidiários. De uma lista com o nome e número de matrícula dos internos, extraí uma amostra aleatória de 37 pessoas pois, embora o objetivo fosse entrevistar 30 internos, sempre existe a possibilidade de alguns presos serem transferidos ou estarem de castigo. Finalmente, acabei entrevistando 32 internos. Com o mesmo critério entrevistei uma amostra aleatória de 10 agentes prisionais.

Os dados utilizados nesta pesquisa foram colhidos em três fases: a primeira foi uma consulta a todos os prontuários dos detentos para familiarizar-me, desta forma, com o vocabulário escrito da prisão e sentir o comportamento dos funcionários e presos que trabalhavam nos escritórios. A atitude deste pessoal foi sempre de colaboração, apesar de ser uma época em que sofriam resignadamente mais uma mudança de Direção.

Para me ajudar, em algumas instâncias os funcionários tiveram de aplicar "o jeitinho" e superar alguns entraves que o Diretor Penal, para marcar sua autoridade, colocava no meu caminho, tais como limitar a um máximo de cinco os prontuários que eu podia tirar do arquivo por dia, depois de ter entregue a lista no dia anterior. Então, os funcionários pegavam mais quatro ou cinco prontuários "na moita" ou deixavam que eu mesma fosse até o arquivo. As vezes o pessoal se oferecia até para pegar os prontuários como se fosse para seu uso e deixava que os consultasse em um escritório diferente do meu. Para minha sorte, e para a dos funcionários e detentos da penitenciária, este Diretor foi aprovado em um concurso numa outra comarca e para lá se foi.

Numa segunda fase procurei conhecer a forma em que os presos classificam o espaço, o tempo e as pessoas e também como usam o espaço e o tempo, assim como quais as funções que as pessoas/ citadas desempenham. Com esta finalidade, mantive entrevistas com detentos tanto do Regime Aberto como do Fechado, aplicando perguntas abertas. Porém, sentia que dessa forma não conseguia desvendar plenamente os "segredos entre bastidores" já que alguns entrevistados condicionavam suas respostas à necessidade de defender algumas condições de prestígio ou ao receio de perder algumas vantagens adquiridas.

Foi assim que entrevistei com o mesmo objetivo (uso do espaço, tempo e pessoas) a presos que tinham ganho sua liberdade, que moravam em Florianópolis e cujo endereço era conhecido (o que não era fácil de conseguir). Muitas destas entrevistas foram gravadas e resultaram de grande utilidade para me introduzir nos segredos da linguagem e dos comportamentos dentro da prisão. Como eu não me mostrava interessada em registrar nomes e eles não tinham vantagens ou mordomias a perder, me insinaram muitas dicas para descobrir "o que se passa" realmente atrás dos muros da prisão.

A terceira fase consistiu em aplicar questionários com perguntas abertas e fechadas para:

a) analisar os laços dos presidiários com pessoas de fora e de dentro do presídio, fazendo primeiro perguntas abertas do tipo "Quem você procura para...?" e depois perguntando sobre as pessoas citadas na primeira parte (técnica usada por Albuquerque e Werner, 1983)

b) Procurar elementos e atitudes que pudessem ser utilizados como indicadores de "prisionização"

#### As entrevistas

As primeiras entrevistas foram realizadas numa sala vizinha à sala dos guardas, separada apenas por uma parede com um buraco quadrado, a modo de janela pequena, usada para passar documentos ou o

telefone entre o balcão de atendimento dos guardas e o quarto onde eu entrevistava. Acontecia nestas condições que o entrevistado discursava mais para os guardas que para mim e assim, quando era interrogado sobre a primeira parte do questionário, o homem não tinha relações sociais com ninguém e, com relação à segunda parte, reconhecia a si mesmo como completamente recuperado, sem qualquer indício de "prisionização".

Solicitei então outro local para fazer as próximas entrevistas e me ofereceram a Sala do Diretor a qual, obviamente, não aceitei, pois não queria parecer tão vinculada à casa. Fui na Sala da Assistente Social, mas ali as pessoas que solicitavam carteirinhas de visita interrompiam a cada momento. Finalmente permitiram-me utilizar a Sala do Médico que estava desocupada por esses dias. Todos os locais mencionados estão localizados na parte do Regime Semi-aberto e, quando os entrevistados eram presos do Regime Fechado, os guardas os traziam até minha sala algemados. No início, o guarda pretendia ficar durante a entrevista até que solicitei ao Diretor - e este consentiu - que as entrevistas fossem confidenciais.

Posteriormente, não sei se por causa de uma fuga que aconteceu na época, que fez que a segurança se tornasse mais rigorosa ou porque já estavam cansados de me ver circulando sem ter nenhuma relação com a instituição, tive que entrevistar umas seis pessoas que faltavam da lista, utilizando a Sala de Visitas da prisão.

O procedimento normal era eu chegar e perguntar para o Chefe da Segurança se podia entrevistar um preso e, de acordo com a pessoa ou a circunstância, podia esperar comportamentos diversos: havia um

chefe que nunca tinha pessoal para procurar os presos e, então, eu tentava não ir quando sabia de antemão que ele estava na guarda. Houve dias em que eu não consegui entrevistar ninguém porque o chefe não estava, porque os presos estavam de castigo, porque era muito tarde ou porque era muito cedo. Nos últimos dias eu tinha perdido meus primeiros contatos com alguns funcionários por terem se demitido ou sido transferidos para outras repartições.

### O Trabalho de Campo

No início e durante todo o tempo que durou a coleta de dados, sentia que pedia informação dos presos e que nada dava em troca. Interiormente, tentava me convencer que podia ser a voz dos sem vozes, a correia de transmissão das inquietudes e necessidades dos presos ante a sociedade; que estava realizando um trabalho científico, o qual poderia ser útil para orientar alguma Política Social específica com relação à prisão e aos presos.

Porém, quando na minha relação quase cotidiana com os detentos eu os considerava como pessoas e não apenas como parte do objeto de uma pesquisa, não ficava muito convencida. Não podia oferecer-lhes assessoramento legal, que é o que mais os preocupa. Também não pagava os informantes, não apenas porque não tinha dinheiro para isso, mas porque essa maneira de conseguir informações está colmada de riscos para a objetividade de uma pesquisa.

Com o decorrer do tempo, fui descobrindo que eu lhes oferecia sim, algumas coisas em troca: romper a rotina de um cotidiano maçante, sentir-se personagens de algo ou mesmo a possibilidade de

circular por outros espaços diferentes dos costumeiros:

"Na cadeia doutor, a vista tropeça sempre com as mesmas coisas." (Neuman, 1988: 43) \*

Embora eu não fume, durante as entrevistas eu tinha sempre um maço de cigarros e fósforos para oferecer aos meus interlocutores. Depois eu soube que alguns presos tinham comentado que o que eu fazia era testá-los, para ver se usavam drogas. Mas, logo depois das primeiras entrevistas tive oportunidade de conversar novamente com os entrevistados durante uma festa e fiz o máximo de esforço para esclarecer as impressões que tinham de mim. A partir de então, convenceram-se que meu material não era censurado pelos funcionários e que eu não fazia parte da instituição; por isto, acho que se transformaram em informantes "chaves", pois através deles minha presença foi legitimada perante seus colegas de acordo com os códigos dos próprios presos.

Aos poucos fui melhorando o relacionamento com os meus informantes; eles me emprestaram seus cadernos com poesias, eu lhes emprestei alguns livros e ajudei a redigir algum memorando. Desta forma, acredito ter conseguido neutralizar minha presença, ficar na posição de observador atento a superar a discrepância entre o que é relatado com o que é observado. Minha permanência em campo fazia com que se manifestassem alguns espaços interiores e eu pudesse enxergar os interstícios "entre os bastidores".

Este tipo de aprendizado me permitiu verificar algumas particularidades do trabalho de campo no interior de uma prisão que eu já havia pressentido. Qualquer que seja a comunidade pesquisada, o antropólogo irá descobrir conflitos e oposições entre indivíduos e

grupos, mas numa prisão, estes conflitos, além de estarem definidos com maior clareza, estão extremamente intensificados. O pesquisador precisa assumir que está, por bem ou por mal, situado em um campo definido. Com efeito, quem desenvolve sua pesquisa em um presídio, ao entrar no mundo dos seus entrevistados é recebido e apresentado pelas autoridades do mesmo. Daí, resulta uma tarefa difícil conseguir, de um lado a confiança do entrevistado e, de outro lado, escapar da pré-qualificação que as autoridades tentam fazer ao apresentar presos "bons para serem entrevistados".

O fenômeno da delação constitui um fator com alto grau de sensibilidade nos internos de uma penitenciária e, portanto, é necessário estar atento para evitar ser catalogada como "cagoeta" e também que o entrevistado possa considerar que, através das informações que fornece, esteja se convertendo, ele mesmo, em delator.

A relação entrevistado-entrevistador torna-se particularmente difícil no âmbito de uma prisão, não apenas pelas circunstâncias indicadas acima como pela estrita vigilância a que essa relação é submetida, no contexto do rígido esquema de segurança existente. A correspondência dos detentos é censurada e as primeiras advertências que recebi foram sobre os mecanismos disciplinares vigentes e sobre a proibição de entregar ou receber qualquer coisa dos detentos sem o prévio controle das autoridades.

No início da pesquisa procurava-me sentir realmente uma entrevistadora: objetiva, distante e assexuada mas, quando recebi uma carta dirigida à mulher e não à pesquisadora, inquietou-me a possibilidade de estar criando falsas expectativas no preso e fiquei também preocupada em descobrir se era uma maneira de testar-me pois

percebi que a carta não tinha passado pela censura. Ao receber outra destas cartas, comentei o assunto com a Assistente Social para saber se com ela acontecia o mesmo; conversamos sobre o caso dentro de um clima de compreensão e camaradagem. Porém, pouco depois, a mesma funcionária me informou que o Diretor queria falar comigo para que eu entregasse a carta. Claro que o Diretor aceitou sem relutâncias minhas razões para não mostrar a carta nem dizer o nome do remetente e entendeu que eu não poderia ser correio para ninguém. O episódio mostrou-me assim, o cuidado necessário para conduzir-me com os detentos e funcionários, pelo clima de repressão entre os primeiros e de competição entre os segundos.

Com os guardas apliquei também questionários com uma primeira parte semelhante às perguntas efetuadas aos presos e uma segunda parte que pretendia medir se o comportamento do preso dependia do seu artigo (delito) ou se o preso pode, "per-se", contruir um conceito diferente. Com este fim, apresentei aos guardas uma lista de presos entre os quais estavam meus entrevistados e pedi que os classificassem de acordo com uma escala préfixada.

Apesar dos guardas aceitarem fazer a classificação pedida, foi pouco mais que nada o que pude tirar destes questionários, pois a maioria manifestava não se lembrar de nada ou diziam não entender o que eu falava. Alguns guardas que no momento estavam com algum ressentimento porque tinham sido suspensos ou por não ter ganho uma promoção que acreditavam merecida, tentaram fazer um esforço maior para responder minhas perguntas, mas o resultado obtido não foi realmente satisfatório.

## CAPÍTULO 2

### A PENITENCIÁRIA DA AGRONOMIA

#### O PRESÍDIO VISTO POR FORA

A Penitenciária da Cidade de Florianópolis foi construída entre 1926 e 1930, durante o governo de Adolfo Konder. Foi reformada em 1935, durante o governo de Nereu Ramos quando, com a intenção de incorporar o trabalho como mais uma ferramenta no processo de reeducação e oferecer ao detento a possibilidade de aprender um ofício, ganhando algum dinheiro com o produto do seu trabalho, foram construídas salas próprias para oficinas, aparelhadas com modernas máquinas.

Foi também durante a administração de Nereu Ramos que se construiu o "Belvedere", mirante tipo glorieta de onde pode-se apreciar a belíssima paisagem que oferece a Baía Norte, a mais aberta das duas que separam a Ilha de Santa Catarina do Continente.

Na verdade, a localização da penitenciária, na cima de um morro imponente, dominando tudo ao seu redor e ocupando uma área privilegiada da cidade, quase que justifica os comentários que frequentemente fazem os turistas que por ali transitam, pois é lugar de circulação de numerosos ônibus que se dirigem do centro para os bairros do norte da ilha ou para as belas praias:

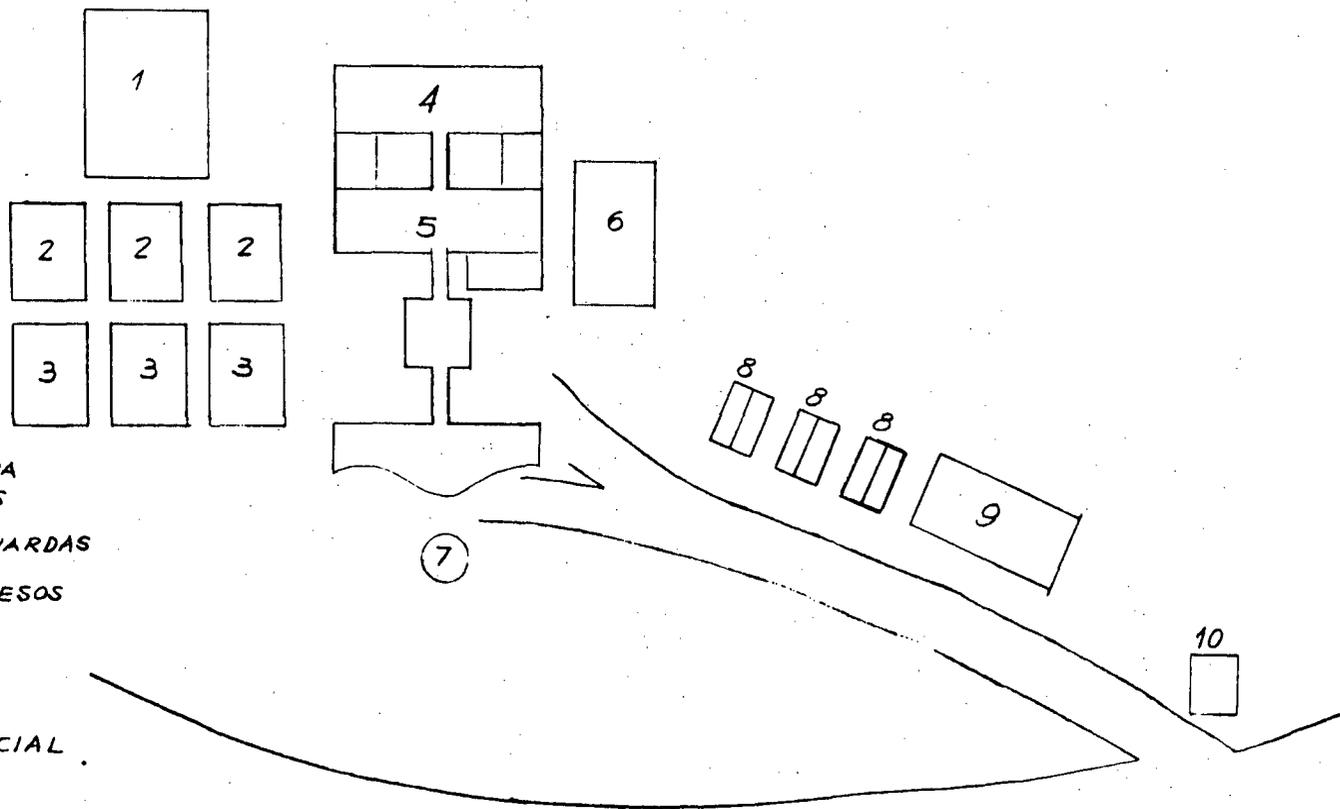
"- Que beleza! Com essa vista mais parece um hotel que uma penitenciária."

Agora, porém, depois de passar cerca de um ano circulando atrás daqueles muros, entrevistando presos e funcionários, todas as vezes que, passando por ali de ônibus, levanto os olhos para esses tristes edifícios descuidados, não é na beleza em que eu penso: hoje vejo esses muros cinzas com uma sensação indefinida de dor.

Enfim, o Presídio de Florianópolis está ali, em cima daquele morro, dominando toda a Baía Norte. E dentro dele, cerca de duzentos presidiários amargam seus dias sem muita chance de apreciar aquela vista sublime do mar, às vezes calmo, às vezes agitado; dos verdes morros que enquadram o Saco Grande; da outrora arborizada Ponta do Coral ou, um pouco mais longe, o tranquilo Cemitério de Itacorubi.

#### A REALIDADE DA PRISÃO

Chegar no portão de acesso da penitenciária significa contornar cerca de 200 metros de calçada maltratada, ao pé dos altos muros de pedra que cercam a prisão. Logo depois da entrada há uma guarita com dois PM's, onde é preciso deixar os documentos e dizer a finalidade da nossa visita, explicando onde iremos e com quem falaremos. Na realidade, os guardas são gentis, ficam com os documentos e autorizam a continuar em direção ao prédio principal. Nos finais de semana, nesse mesmo local, são revistados os visitantes e duas policiais femininas somam-se aos PM's para revistar os visitantes de seu mesmo sexo.



1. ANTIGA PRISÃO PARA PRESOS POLÍTICOS
2. ALOJAMENTOS GUARDAS
3. ALOJAMENTOS PRESOS
4. CASA NOVA
5. CASA VELHA
6. MANICÔMIO JUDICIAL
7. BELVEDERE
8. HORTA
9. CASA DO ALBERGADO
10. GUARITA

PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS  
CROQUI GERAL

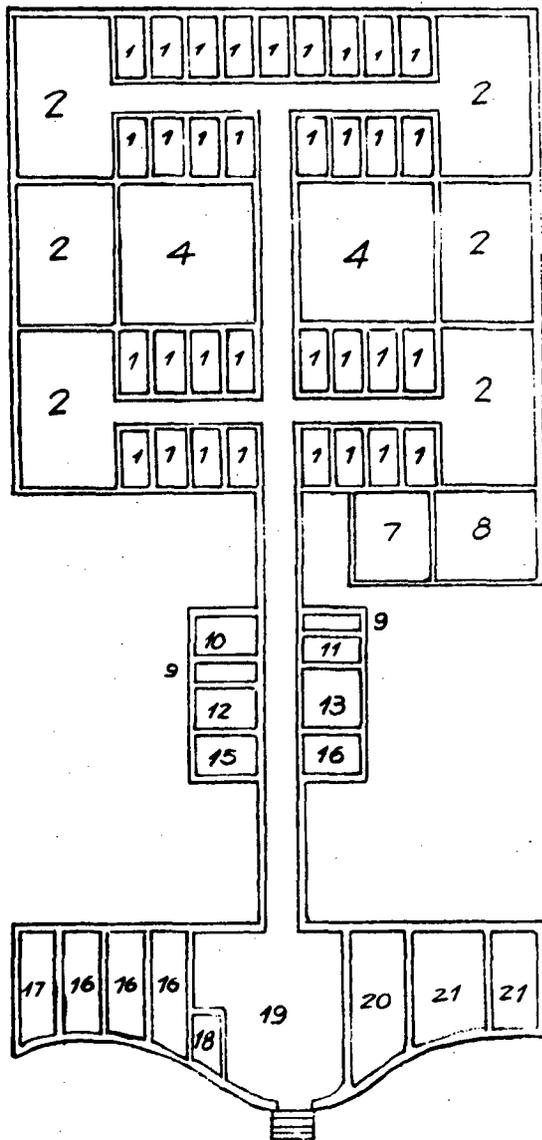
A mesma entrada serve para ir à penitenciária, ao manicômio judicial e à casa do albergado. Por causa do declive, os altos muros, que tanto nos impressionaram do lado de fora, aqui não tem tal aparência; a paisagem parece mais com um jardim. Andamos por uma trilha de terra, no meio de uma horta bem cuidada por sentenciados. Eventualmente, alguma vaca que compartilha conosco a vereda, nos observa, indiferente.

O edifício principal que se enxerga desde a rua não é na realidade o presídio, mas um prédio de escritórios onde trabalham os funcionários civis da administração e dos serviços sociais. A topografia do local determinou uma construção curiosa, com um nível inferior nas duas alas laterais e uma edificação de dois andares no centro. No lado esquerdo do primeiro nível há um largo para estacionamento de carros oficiais; no lado direito (passagem obrigatória para que vai ao prédio) há um armazém que hospeda uma marcenaria artística, onde os sentenciados fabricam objetos de madeira talhados à mão.

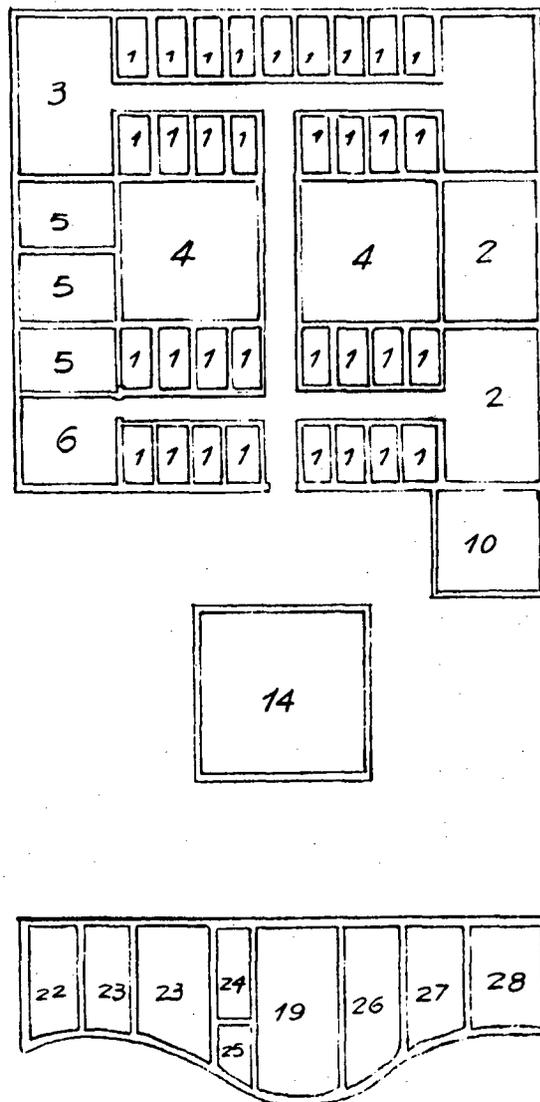
#### AS INSTALAÇÕES FÍSICAS: O Palco

Vamos subindo até chegar à entrada principal e entramos efetivamente no prédio podendo observar um grande hall; à esquerda há uma escada junto a qual damos de frente com a guarda interna do presídio. Em vez de ficar de frente para a entrada, como é costumeiro, estes guardas dão as costas para a porta: parece que sua função é mais a de vigiar os internos que de controlar as pessoas que ingressam no local. De novo precisamos explicar a finalidade de nossa presença e para onde nos dirigimos. Esta guarda é mais severa do que

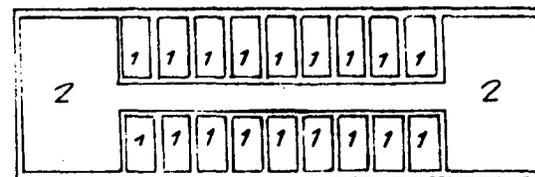
TÉRREO



1º ANDAR



2º ANDAR



- 1 CELA
- 2 OFICINA
- 3 ANPITEATRO
- 4 PATIO
- 5 SALA DE AULAS
- 6 BIBLIOTECA
- 7 ALOJAMENTO COZINHEIROS
- 8 COZINHA
- 9 BANHEIRO
- 10 REFEITÓRIO
- 11 BARBEARIA
- 12 ROUPARIA
- 13 SALA DE VISITAS
- 14 ALOJAMENTO GUARDAS
- 15 COORDENADURIA ENSINO
- 16 CONSULTÓRIO MÉDICO
- 17 FARMÁCIA
- 18 SEGURANÇA
- 19 HALL
- 20 VENDAS
- 21 DIVISÃO INDUSTRIAL
- 22 AS. SOCIAL
- 23 DIRETORIA
- 24 COPA
- 25 TELEFONISTA
- 26 DIVISÃO PENAL
- 27 ARQUIVOS
- 28 AS. JURÍDICA

CROQUI - PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS

a da porta de entrada, o controle é mais rigoroso e as explicações mais demoradas. O lugar é caracterizado por tetos altos, corredores amplos e paredes sujas, com pintura já velha.

Na frente do balcão de atendimento das guardas há uma porta com grades de ferro. No lado esquerdo há um corredor, onde encontramos a Farmácia e duas salas com grandes janelas das quais pode-se ver a Baía Norte: são as salas do médico, do psiquiatra e do odontólogo. Por enquanto, apenas o consultório de odontologia está em funcionamento. Por uma questão de segurança, os demais profissionais atendem em consultórios situados atrás daquelas grades de ferro.

O espaço do lado direito da entrada principal está ocupado por uma sala com encomendas e objetos fabricados pelos detentos, expostos para venda, além de alguns escritórios para o pessoal da Divisão Industrial, que gerencia o funcionamento das oficinas e lida com o dinheiro que os presidiários ganham com as suas tarefas.

Subimos ao primeiro andar e encontramos um hall menor que o do térreo, uma porta-janela que dá acesso a uma sacada também com vista da Baía e, ao seu lado, um balcão de telefonista, quadros do fundador da penitenciária e do atual governador. À esquerda, uma pequena copa fornece cafezinho aos funcionários e visitantes. Junto a ela nasce um amplo corredor que conduz por um lado, à sala do Diretor do presídio e, pelo outro, a um antigo corredor transformado em sala da Assistente Social. No corredor da direita encontram-se as salas do Diretor da Divisão Penal, a Seção de Arquivos com os históricos dos detentos, a Sala de Assuntos Jurídicos e a Sala onde são fichados os sentenciados, batendo fotografias e tirando impressões digitais.

## O "Regime Fechado"

O que a gente imagina como prisão "mesmo", é denominado aqui como "Instalações de Regime Fechado", às quais se ingressa atravessando aquela grade de ferro que tínhamos visto no andar térreo e que se comunica com a "Casa Velha", a primeira edificação, construída no final da década de '20. Ali nos encontramos com um corredor de dois metros de largura por uns seis de comprimento. Do lado esquerdo abrem-se uma série de portas que se comunicam com a sala da Coordenadoria de Ensino, a da Rouparia, o Banheiro e o Refeitório dos internos do Regime Semi-aberto. No meio do corredor está localizada a escada que conduz aos alojamentos dos guardas, num andar superior.

No lado direito do corredor, está o Consultório Médico e logo depois, uma porta dá acesso para a Sala de Visitas, de aproximadamente 16 metros quadrados, com duas janelas das quais se observa a Cozinha e o Manicômio Judicial; no interior da Sala de Visitas estão colocados alguns bancos com encostos altos, tentando resguardar um mínimo de privacidade. Há uma janela que se abre para o corredor, um lavatório para as mãos e dois quadros pintados por algum detento, possivelmente há muito tempo. O piso de cerâmica está manchado e gasto pelo tempo e a sala tem aquela pintura escura, verde, com um cheiro de mofo, que provoca a impressão de que é necessário não encostar nela, por receio de ficar colado. Os bancos de madeira ostentam dizeres, desenhos de corações, nomes de mulher. Junto da Sala de Visitas estão a Barbearia e um banheiro e, no final do corredor, há uma outra grade onde os detentos são revistados para verificar se não trazem nada da rua ou se os visitantes não lhes entregaram algum objeto proibido.

A Casa Velha possui dois andares: no andar térreo estão localizadas a Tipografia e a Capela; no primeiro andar estão a Biblioteca e três Salas de Aula. Para ter acesso à Biblioteca é necessário passar previamente por um corredor, pobremente iluminado por umas poucas lâmpadas elétricas, onde estão as celas de isolamento. As portas são de construção robusta e as janelas (que é possível ver antes de entrar no prédio) já foram alguma vez amplas, conforme indicam as grades, mas hoje estão quase totalmente cobertas por paredes de tijolos mal acabadas que apenas deixam livre uma pequena fresta no alto, para permitir alguma ventilação e iluminação.

Atendida por um presidiário, a Biblioteca empresta até dois livros por vez, por um período de até quinze dias; o detento que deseja emprestar um livro deve solicitar de um guarda a lista de livros disponíveis na Biblioteca e os que escolher lhe serão entregues posteriormente. Quem mais solicita livros são os detentos que estão de castigo ou aqueles da primeira fase. Constituída por livros doados por parentes de juristas falecidos, religiosos ou alguma entidade de beneficência, o acervo da Biblioteca consiste em textos antigos, de folhas amareladas, com pinguinhos pretos de umidade.

A Escola está constituída por três grandes Salas de Aula com aquelas clássicas carteiras de início de século, a mesa do professor, o quadro negro. Quando eu a visitei tinha uma única professora dando aulas de alfabetização a um único aluno, com a porta aberta e um guarda vigiando do corredor. A professora me explicou que costuma ter mais alunos. Porém, quando eles ficam de castigo não podem assistir a aula e a sala fica deserta.

Saindo da Casa Velha, atravessa-se um outro corredor flanqueado por dois pátios amplos e se ingressa na "Casa Nova", que alberga mais celas e as oficinas, à exceção da de Tipografia que ocupa a primeira parte das instalações do Regime Fechado. A Casa Nova possui três andares, sendo que as oficinas estão espalhadas nos dois primeiros, com instalações para trabalhos de alfaiataria, sapataria, colchoaria, fabricação de vassouras, marcenaria, etc.

O mestre da oficina de Colchoaria me manifesta sua preocupação pelas poucas pessoas que se interessam por esta profissão. Ele prefere presidiários novatos que "não possuem tantos vícios" e que podem ser reeducados "como ele gosta". Os colchões são recheados com palha desfiada com uma máquina elétrica que solta muito pó. Na porta há escrita uma legenda pela qual os detentos, mediante o desenho de uma caveira, alertam sobre o perigo para a saúde que este trabalho representa. Neste mesmo recinto, separada apenas por uma divisória de madeira, está a oficina de Estofamentos, onde se estofam poltronas e se fabricam ou consertam esqueletos de poltronas.

Na Sapataria se fabricam as botinas pretas de um modelo só, para uso dos detentos; também são confeccionadas bolas de futebol para serem vendidas no atacado para as lojas da cidade. A oficina de Tipografia produz impressos e formulários diversos para uso da própria penitenciária e ainda para outros órgãos oficiais e até particulares. Impresso por um dos sentenciados que ali trabalham, vi numa ocasião um bloco de papel de cartas com o nome do presidiário artisticamente estampado na parte superior. Na Caixaria consertam-se os engradados de madeira das distribuidoras da Coca Cola e da Pepsi; esta oficina fica na parte mais externa e sempre há uma fogueira nas

proximidades, onde se queimam as madeiras inúteis.

Os detentos lotados nestas oficinas são ali conduzidos por um guarda, que mantém a porta fechada por fora enquanto os presos trabalham; ao sair são revistados para evitar que alguma ferramenta possa ser transformada em arma. O distanciamento entre uma oficina e outra torna difícil a comunicação entre os presos que trabalham nas diversas oficinas. Os presos não manifestam predileção quanto ao trabalho por nenhuma oficina em particular, embora exista uma classificação informal relativa à vantagem de trabalhar em alguma delas. Existe uma alta rotatividade de ofícios e os presidiários tem, em média, quatro mudanças de oficina durante sua permanência na prisão, existindo os que já passaram por até 14 mudanças.

O que qualquer sentenciado almeja mesmo, é trabalhar em serviços externos para a Prefeitura, a Universidade, a Marinha ou até mesmo para particulares. Para conseguir esta mordomia é necessário, porém, estar no Regime Semi-aberto, embora possam existir casos de internos do Regime Fechado que conquistam algum destes serviços externos por outros recursos ou por alguma regalia extra-oficial (para homens de confiança da Divisão de Segurança).

A distribuição da área de Regime Fechado do presídio de Florianópolis lembra muito aquela clássica prisão que costumamos ver nos filmes de Al Capone: são três andares de celas ao redor de um grande pátio coberto e as celas estão distribuídas seguindo um sistema que permite que os guardas, desde vários pontos estratégicos, tenham uma visão total das celas e dos corredores, que não oferecem qualquer lugar para alguém se esconder.

O sistema celular da penitenciária é comparável em certa medida ao "Panótico de Bentham", que consiste numa construção em anel, com a periferia dividida em células em cujo centro há uma torre. As celas possuem duas janelas: uma que dá para a torre e outra que dá para o exterior (em nosso caso não existe a torre, que é substituída pela ronda do guarda). Como Michael Foucault (1975) já observou:

"...o efeito mais importante do Panótico é induzir no preso um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia; muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente" (Foucault, 1975: 177-178)

O "lay out" de uma prisão não é simplesmente um sistema arquitetônico; é também uma forma de poder disciplinar, que chega a cada detento em particular. Não é preciso muito pessoal para manter a ordem: 20 guardas se revezam em turnos de 24 hs de serviço por 48 hs de folga, para cuidar de uma população de 260 detentos. A segurança deste sistema exige acabar com a intimidade e, como o preso não pode ficar em contato com outros sem que haja um guarda por perto, a única chance de um detento contatar com um colega é no horário de serviço nas oficinas ou na hora do banho, se os presos pertencem a uma mesma galeria.

Os detentos do Regime Fechado possuem celas individuais, com um vaso sanitário e lavatório de mãos. A porta que fecha a cela é de madeira, com uma janela sem travas que pode ser aberta pelo lado externo, permitindo ao guarda invadir a privacidade do hóspede quantas vezes o creia necessário. Para permitir o controle total, o vaso sanitário não está isolado por parede alguma.

A cela possui uma janela no lado oposto à porta; de forma retangular, esta janela mede aproximadamente 30 cm por 60 cm e está situada quase na altura do teto de forma que, para olhar para o exterior, o detento precisaria da ajuda de uma cadeira ou algum outro móvel. Se o detento não é perigoso e não possui um histórico de fugas, poderá ver de sua cela a Beira Mar, os alojamentos externos ou o manicômio judicial, dependendo do lado em que estiver localizada sua cela. Caso contrario, ele só poderá olhar o interior do presídio. Se ele é proprietário de um rádio e não estiver castigado, poderá acompanhar os acontecimentos do mundo exterior, pelo menos esses assuntos de pouca importância que noticiam nossas emissoras de rádio. Na hora das refeições todos os presos do Regime Fechado comem na própria cela.

#### O Regime Semi-aberto

O Presídio de Florianópolis não se limita apenas a esta versão clássica de prisão que significam as instalações de Regime Fechado; existe também um outro lado da penitenciária, fora do espaço marcado por aquelas grades da entrada. Trata-se das instalações do Regime Semi-aberto. Neste regime não se percebe tanto a obsessão com o isolamento, com a segurança máxima; nele se encontram elementos nos quais se tem uma certa confiança: são os detidos que possuem uma

ficha limpa, que já cumpriram uma parte da pena (pelo menos 1/6 do tempo de condenação) ou sentenciados aos quais o juiz determinou que deveriam cumprir sua pena neste tipo de regime. Estes presidiários moram em alojamentos externos ao edifício central e estão lotados em serviços também fora do Regime Fechado tais como a padaria, cozinha, faxina, administração ou executando serviços externos à penitenciária, na Escola de Marinha, na Base Aérea, no Centro Integrado de Cultura, na Universidade, etc.

Existem dois tipos de alojamento externo: o primeiro é uma construção praticamente isolada, a muitos metros do prédio central, construída originariamente para presos políticos e que já foi utilizada como manicômio judicial. Consiste numa série de quartos, alguns com duas camas e outros com três; o banheiro é de uso comum. Na parte dianteira está localizada a casa dos guardas e um quintal onde os detentos podem, por sua própria iniciativa, plantar e colher para seu consumo próprio. Embora os detentos neste regime façam suas refeições no prédio central, podem preparar lanches ou comidas simples, utilizando a "perereca", como chamam os presos a um aquecedor elétrico de água, de construção primitiva. Toda esta área está rodeada por um alto muro com uma porta de ingresso reforçada com grades, que permanece habitualmente fechada. Os quartos deste alojamento são os mais sujos observados no presídio e a sujeira do banheiro é impressionante.

O outro tipo de alojamento do Regime Semi-aberto são casas com uma veranda de madeira, sem divisão interna em quartos. Três casas parecidas, um pouco mais afastadas, servem de alojamento para os guardas. O local onde está instalada a cozinha tem também quartos para acomodar os presos que trabalham ali.

## PRESOS E FUNCIONARIOS: As personagens

Só a descrição da infraestrutura da prisão já nos faz sentir que o mundo aqui dentro não é uma coisa homogênea, linear, simples; dentro deste mundo existem tantas divisões de espaço que necessariamente conotam divisões nos comportamentos. A Penitenciária não representa só um simples sistema de grades, de trancas, de celas e de muros, mas pode ser vista como uma sociedade dentro de outra sociedade e na qual foram radicalmente modificados os comportamentos da vida em liberdade. Nesta sociedade passaram a conviver indivíduos de diferentes procedências, com costumes diferentes, que agora devem desenvolver uma nova vida, com características diferentes da vida extra-muros, uns como forma de sustentar-se economicamente (os guardas) e outros compulsivamente, por uma determinação judicial (os presos).

Nestes institutos correccionais vivencia-se um clima de conflito permanente entre os vários personagens ali presentes: entre os guardas e os detentos; entre detentos e detentos; entre os guardas e os diretores; entre os profissionais e técnicos de um lado e os guardas, de outro. Todos precisam acomodar-se tanto às pressões do público externo -que exige maior segurança- quanto às dos interesses dos diversos atores internos ao Sistema Penitenciário, representados pelos presos e pelos funcionários.

As reclamações são muitas: de professores que não tem alunos porque estão castigados, de Assistentes Sociais que veem eternamente indeferidos seus pedidos de permissões especiais para os familiares dos presos, dos guardas que são tirados da sua rotina, dos

funcionários que não podem usar o telefone da prisão para chamadas particulares, devendo usar um telefone público, enquanto os presos, segundo estes funcionários, ganham regalias imerecidas e lhes fazem tirar segundas vias de documentos desnecessariamente.

A humanidade aqui dentro ganha conotações especiais, apresentando uma tipologia característica, comportamentos definidos ou papéis ambíguos de uma peça meio surrealista na qual o roteiro muda de acordo com as circunstâncias e os interesses dos participantes do jogo. Neste universo fechado, as personalidades se amoldam às exigências do ambiente e a figura do guarda destaca-se como marco de referência para os internos conservando, porém, as características dúbias próprias de um indivíduo que, embora livre, encontra-se preso às regras que o ambiente do presídio determina.

#### Os guardas

O guarda quer uma jornada tranquila, calma e pacífica, pouco se interessando pelo passado ou pelo futuro do preso. Estes agentes prisionais vivem, porém, num eterno conflito interior pois além da responsabilidade de custodiar, vigiar e punir, espera-se que eles sejam agentes ativos no processo de reeducação, que se comportem alternadamente como agentes terapêuticos (aplicando teorias condutistas e conquistando a amizade e simpatias do "reeducando") ou como capangas (que devem castigar e reprimir).

A incapacidade de atingir os objetivos enunciados pela casa de correção se corporiza na figura do guarda, personalidade visível e em constante contato com o preso, que usa como ferramenta a injúria, o vexame, a intimidação pelo castigo, termos estes rejeitados num

processo pedagógico.

Para os guardas os presos se dividem em bons e ruins. Os que acatam o regulamento e os que não reconhecem normas nem aceitam ordens; os "inimigos"; os que perturbam a vida dentro e fora da prisão. Os "bons" elementos parecem ser aqueles presos que cometeram crimes violentos, sem haver dinheiro no meio, novatos no mundo do crime como, por exemplo, os sentenciados por homicídio simples. Os afeitos às dogras e ladrões são catalogados de "ruins" e são os que estão sempre criando problemas.

Esta forma de classificar os presos está muito difundida e é reconhecida também por todos os funcionários: são geralmente os presos "bons" os que lhes servem cafézinho ou trabalham com eles nas tarefas administrativas.

Também é conforme esta classificação que se processa a forma de atuar dos guardas em relação aos presos e seria interessante aprofundar no assunto, para determinar se esta forma de agir dos guardas leva o sentenciado a manter um comportamento ajustado às expectativas da segurança ou se é o tipo de comportamento do preso que determina a forma específica de tratamento que cada um recebe dos guardas. Deve-se levar em consideração que os guardas se respaldam no sistema de recompensa e castigo para controlar e disciplinar a cadeia e que as compensações se reduzem muitas vezes a um "não-castigo"; a não ficar perseguindo o preso; a não incomodá-lo.

Com seu mundo rigidamente estratificado, o comportamento de um guarda com o resto da humanidade é contraditório. Quando eu conversava com eles evidenciava-se frequentemente este comportamento

dual: os guardas respondem de uma forma diferente quando você se dirige a eles para entrevistá-los ou quando você que entrevistar um preso. Neste último caso se comportam autoritariamente, fazendo esperar um bocado e não mais se lembram de que pouco antes tínhamos tomado um cafézinho juntos e conversado sobre a história de sua vida, escutando-os se lamentar de suas mágoas.

Nessas entrevistas, os guardas contam que o serviço que menos gostam é ficar trancados no Regime Fechado e revistar os detentos; sabem, porém, que uma revista mal feita pode-lhes custar a vida, porque na hora da fuga ou tomada do presídio, não há preso amigo e o estilete que ficou escondido é o que pode matá-los.

Outra tarefa detestável e irritante para os guardas é a que resulta do trabalho ativo do "pessoal da Terapia", que aumenta a movimentação dos presos e que, além de representar um serviço adicional para levar os presidiários de um lugar a outro, significa um risco potencial de quebra da tranquilidade e da rotina cotidiana.\*

O preso sabe que, em última instância, o poder de mudar do Regime Fechado para o Semi-aberto, de outorgar regalias ou de infernizar uma vida está na mão do guarda, já que é ele quem preenche os prontuários nos quais as autoridades se baseiam para decidir sobre as regalias e, se este estiver sujo com faltas, qualquer pedido será negado. Mas, tanto o preso como o guarda sabem também que este poder não é ilimitado e que um guarda pode igualmente ser castigado pelo Diretor, sendo transferido para um destino pior. Também para um guarda uma ficha suja significa uma calamidade e pode, por exemplo, impossibilitar uma promoção.

Usualmente, o clima entre os guardas é de muita intranquilidade: quando algum delito é descoberto dentro do presídio (encontrar armas ou drogas em poder dos presos, por exemplo), seja quem for o reesponsável, os guardas querem que de imediato se encontre o culpado, para que não se desconfie deles. Sabem que ninguém está livre de ser considerado culpado. Filosofam então sobre o fácil que é ser chamado de culpado e o difícil que é se defender de uma acusação dessas.

#### Os presos segundo guardas e juízes

Como vimos, os guardas tem critérios empíricos para julgar os presos e os qualificam de "bons" ou "ruins" de acordo ao grau de incomodação que estes podem lhes causar. Por esta razão, toleram melhor os condenados por crimes violentos; estes presos são pessoas geralmente do interior do Estado, condenados por homicídio: são indivíduos que mataram sua mulher, um vizinho o um amigo quando estavam bebendo demais. A estes, a sociedade os condenou a cumprir longas penas mas os guardas, apoiando-se na sua própria experiência, lhes permitem mexer com facas, que preparem a comida que eles próprios comerão. Sabem que estes réus primários dificilmente voltarão ao presídio uma vez cumprida sua pena, dificilmente entrarão na categoria de reincidentes.

Embora legalmente não lhes corresponda passar ao Regime Semi-aberto, muitos destes detentos conseguem este status porque os funcionários acham que estas pessoas são presas fáceis dos delinquentes presos e preferem ter dentro da prisão um amigo a um inimigo. O detento que cometeu um homicídio simples, uma pessoa que

não possui uma carreira delitativa anterior, que não encontra entre os presos, quando chega na prisão, antigos amigos: sente-se totalmente diferente dos seus companheiros e é neste tipo de sentenciado que os guardas encontram seus aliados para controlar a penitenciária.

Tanto é assim que, dos sentenciados entrevistados, achamos que todos (100 %) os que cometeram delitos onde o motivo não foi o dinheiro (6 indivíduos) estão em Regime Semi-aberto enquanto que apenas um 28% (7 indivíduos) dos que cometeram este delito por questões de dinheiro estão em Regime Semi-aberto. Contudo, levando em consideração os anos de castigo, observamos que o critério que o juiz utiliza na condenação é bem outro: é o critério de penalizar a violência. Assim, encontramos que entre os que cometeram delitos com violência há uma média de anos/condenado de 12 enquanto que nos crimes sem violência, a média é menos da metade: 5,78 anos/condenado.

#### Os Funcionários

Parece-me necessário colocar que no início da pesquisa eu tinha bastantes preconceitos em relação aos funcionários dos cárceres. Minhas leituras e toda minha bagagem teórica me induzia a pensar que estes funcionários trabalhavam sem vontade, que os papéis ficavam empilhados, etc. A realidade, porém, mostrou-se diferente. De uma forma geral, pode-se dizer que na Penitenciária de Florianópolis, o relacionamento entre funcionários e presidiários é relativamente cordial. De um lado há os funcionários que mantem uma relação mais estreita com os presos como o atendente da farmácia, os mestres de ofícios, os administradores que controlam os prontuários, os que comercializam os artigos produzidos pelos presidiários, etc.; por outro lado há os que só circunstancialmente tem algum tipo de contato

com um ou outro interno.

Todos os funcionários tentam sustentar uma relação de respeito com os presos, se bem que os tratam como um patrão trata seu empregado: de forma fria, distante e hierárquica. Muitas vezes porém, alguns funcionários fazem coisas pelos sentenciados que não fariam por mais ninguém. Pensam que os internos devem ser bem tratados, porém sem "oferecer-lhes moleza, que se estão presos é porque alguma coisa errada fizeram."

Excepcionalmente, algum funcionário poderia levar um sentenciado para fazer algum serviço em casa, mas só como um empregado, sem que este fato represente reconhecimento ou critério especial. Em épocas -lamentavelmente frequentes- em que a sociedade atravessa conjunturas econômicas problemáticas, os funcionários da penitenciária dizem que consideram os presos uns privilegiados que tem comida, cama e alojamento de graça.

Os funcionários que trabalham com os prontuários da Direção Penal tem a responsabilidade de manter em dia os "memorandos" dos sentenciados e controlar sua movimentação entre as diversas repartições. Realizam com penetração seu trabalho, vigilantes para não perder nenhum documento. Seu zelo até surpreende que espera encontrar o comportamento padronizado de um típico empregado público.

Certa vez, estando eu presente na dependência na qual se processam as permissões de saída de internos fora do presídio, tetemunhei um episódio que colocou em xeque alguns presupostos que são frequentes em trabalhadores e pesquisadores sociais: nesta sala verifica-se se corresponde ou não enviar a solicitação de permissão ao

Conselho das terças feiras, que é quem decide a questão; quando estavam confeccionando-se as carteirinhas de saída dos presos com direito a regalia, aconteceu que havia sido preparada uma carteirinha com 7 dias de permissão quando o que realmente correspondia era menos. Todos os funcionários da sala ficaram nervosos por ter que dizer ao sentenciado que os dias de regalia não eram sete mas apenas quatro. Por sorte, a carteirinha ainda não tinha sido entregue e ocorreu aquele típico suspiro de alívio geral. Perguntei então para o Chefe o que aconteceria se a tal carteirinha já tivesse sido entregue; respondeu que teria que deixar assim mesmo, já que a responsabilidade teria sido deles e não poderiam revoltar o preso por um erro da administração.

Numa outra oportunidade em que não havia como conseguir a fotografia do preso porque não se dispunha de um elemento qualquer no estúdio de fotografia da prisão e o detento ia perder o ônibus para sua casa, se decidi brasileiroamente "dar um jeitinho" e tirar a velha fotografia do prontuário.

Fiquei de fato surpresa com o trabalho destes agentes e, em particular, com a dedicação da chefe, uma advogada. Numa ocasião, esta chefe convidou-me para ir com ela ao almoxarifado, aproveitando a oportunidade para me mostrar parte dos alojamentos e o setor externo. Os detentos se aproximavam dela, perguntando pelo "andamento do seu memorando" e a todos ela respondia; daqueles que não lembrava, marcava o nome para depois responder e o mais surpreendente para meus preconceitos foi que ao voltar para seu escritório, de fato entregou imediatamente a lista para um funcionário, solicitando que pesquisasse em que pé estavam os prontuários.

## A Direção da Penitenciária

A direção do presídio é um cargo de confiança do governador que, através do Secretário de Segurança Pública, escolhe a pessoa que dirigirá as atividades da instituição. A designação é transitória e, geralmente, o diretor da penitenciária não completa o prazo de quatro anos que dura o mandato do governador, pois a sua permanência no cargo é muito dependente do impacto causado pelas manchetes sobre fugas noticiadas pelos meios de comunicação.

Todos os diretores chegam com o firme propósito de "por ordem na casa" e parece sempre que esta ordem eles irão conseguir através de uma maior disciplina entre os funcionários e os presos. É interessante ouvir os comentários dos funcionários a respeito dos seus diretores: na sua grande maioria dizem que o diretor anterior era bom, mas que:

"... o atual diretor traz boas idéias e quem sabe consegue melhorar esta droga de prisão."

Claro que um funcionário não falaria mal do staff que administra a prisão no momento, pelo menos na frente de estranhos. Contudo, a presença do diretor anterior continua a ser sentida por um bom tempo depois de sua partida.

Assim, durante os dois ou três meses após a posse da nova direção, todos os funcionários cumprem estritamente o horário e ficam quietinhos atrás de suas mesas, expectantes. Esta situação, quase cómica, lembra muito a maneira de agir dos "mandachuvas" depois dos golpes militares, tão repetidos na nossa parte da América: como não

tem projetos coerentes a propor, a autoridade que usurparam se perde no imediatismo de exigir que os regulamentos se cumpram, os horários se respeitem e impere a limpeza em todos os recintos oficiais.

Mas, logo em seguida, o novo Diretor comprova que o que pode fazer com as normas, as verbas e o pessoal com que conta é, portaria mais, portaria menos, o mesmo que fazia o diretor anterior. Quando descobre que há sentenciados em regime semi-aberto sem o aval do juiz, o novo administrador pretende colocá-los imediatamente na situação que legalmente lhes corresponda; não demora a entender que é preciso recompensar o bom comportamento e por esta razão (ou até para demonstrar sua autoridade ou dar maior agilidade às suas decisões) ele mesmo passa a outorgar o cobiçado regime sem a devida autorização.

Augusto F. G. Thompson (1975), que já foi diretor do presídio de Ilha Grande expõe, com relação aos propósitos de todo novo diretor:

"... (ele deseja) emprestar ao seu papel maior grandeza que o atribuído a um mero carcerário; almeja ser, em maior ou menor grau, um reformador de homens."  
(Thompson, 1975: 58)

frequentemente porém, acaba utilizando as poucas verbas disponíveis para levantar um novo muro visando impedir novas fugas, já que na eficácia do muro reside a possibilidade de permanecer por mais tempo no cargo.

#### A Assistente Social

Na Penitenciária de Florianópolis, "O Pessoal de Tratamento" (como é conhecida a equipe dedicada à atenção psico-social do preso visando sua "reeducação") limita-se a uma Assistente Social a qual,

muito embora demonstre pela sua função uma dedicação realmente admirável, pouco consegue realizar para justificar tão ambicioso objetivo.

Como todos os profissionais nesta área, os Assistentes Sociais são preparados basicamente para atender a um público carente, mas as escolas e faculdades não lhes ensinaram como lutar por um espaço para desenvolver seu trabalho e a instituição penitenciária não lhes fornece as mínimas condições para executar com eficiência um programa de reeducação.

Todos concordam em que a reeducação do detento é a principal prioridade em relação aos presos e que a instituição espera o máximo destes profissionais. Mas, na hora que a assistente deseja entrevistar algum detento do Regime Fechado, precisa suportar longas esperas; os projetos que a assistente apresenta exigem a dedicação de um número maior de profissionais e ela recebe quando muito a ajuda de alguma estagiária. Sozinha, impossibilitada por falta de tempo e recursos de desenvolver um trabalho terapêutico a sério, atende os 260 sentenciados da penitenciária limitando-se a entregar a carteirinha de visitas e escrever os informes sociais para decidir as regalias.

Resta-lhe, no final do dia, apresentar o maior número possível de informes para esconder que, mais uma vez, foi derrotada na sua luta por um espaço maior para justificar sua profissão. Além da pressão do sistema de segurança e as gritantes limitações para desenvolver sua função, a Assistente Social da Penitenciária de Florianópolis sofre uma realidade mais cruel uma vez que já sofreu na própria carne a experiência de ter sido sequestrada e sente a necessidade de ser

protegida no exercício de sua função.

Finalmente, a assistente social de uma instituição carcerária aprende que o que ela tinha em mente era um ser humano idealizado, que, com palavras e atitudes, podia ser convencido a mudar de vida e de idéias. Ao se defrontar com a realidade, a assistente acaba pensando que esses sentenciados a traíram e não chega a questionar os limites de sua profissão ou a possibilidade de que o método que está utilizando não seja o adequado.

Calejada, a assistente não mais se atreve a pedir aos presos para irem ao seu escritório. Adaptada a sua realidade e deixando prevalecer a importância da segurança sobre a do tratamento, entrevista os presos numa sala mais segura, no interior das instalações do Regime Fechado. Com o tempo, os informes desta assistente social tornam-se mais tímidos, aconselhando a autorização das regalias baseando-se apenas nos elementos objetivos; isto é, em última instância, no comportamento registrado pelo guarda no prontuário do preso.

OS ATORES ENCENANDO: O drama

"É fora da rotina que emergem os conflitos, onde se mede o poder e se toma consciência do poder real distribuído a cada setor."  
(Zald, 1962: 249)

A Semana do Sentenciado

Durante a Semana do Sentenciado, quebra-se a rotina da Penitenciária e são organizados vários eventos como missas, conferências, brincadeiras e sessões de cinema. Todo funciona como um

jogo de "faz de conta" no qual todos fingem divertir-se muito, embora nem presos nem funcionários cheguem a entender o significado do enredo ou a finalidade de tanta movimentação.

No ano em que realizei esta pesquisa (1985), consegui participar de algumas das atividades programadas mas em algumas outras, minha presença foi impedida pela Divisão de Segurança. Por ordem do Diretor Geral, nesse ano todos os funcionários da casa participaram das atividades especiais da Semana do Sentenciado; uma senhora que já tinha 25 anos de casa me comentou que era a primeira vez que participava e que estava gostando da experiência. Porém, nem todos os seus colegas compartilhavam sua opinião já que em anos anteriores esta era uma semana praticamente de folga para a maioria dos funcionários.

Os funcionários do Serviço Social são geralmente os encarregados de fazer os convites para que as autoridades e os parentes dos sentenciados participem da festa de domingo, quando se realiza o tradicional jogo de futebol, um churrasco e uma missa, encerrando-se desta maneira as atividades da semana.

Durante o tempo que leva a organização das atividades que serão desenvolvidas na Semana do Sentenciado é frequente aparecer desentendimentos entre os funcionários encarregados de dar algum tipo de coerência a esta triste festividade. Não são poucas as vezes em que o Serviço Social da Penitenciária entra "numa fria" ao tentar dar um caráter mais humano e sério às atividades realizadas, considerando os presos como pessoas adultas, com um nível de consciência normal, conflitando com outros funcionários que teimam em programar jogos e cerimônias mais apropriadas para um jardim de infantes ou uma escola

de deficientes do que para uma comunidade de adultos.

Certos eventos são apenas para os presos de Regime Fechado, outros para o Semi-aberto e alguns para ambos os regimes. As Olimpíadas Internas e o concurso de Calouros constituem exemplos típicos do ambiente em que se desenvolvem as atividades da Semana do Sentenciado.

### As Olimpíadas Internas

Um dia qualquer da semana, os sentenciados do Regime Semi-aberto realizam diversas brincadeiras no campo de esportes externo, situado a um lado do prédio principal e próximo às áreas onde estão localizados os alojamentos externos e os alojamentos dos guardas, num lugar onde o terreno apresenta um marcado declive.

Espalhados na parte mais alta deste amplo espaço aberto, ao abrigo da sombra de uma ou outra árvore, encontravam-se alguns internos sentados na grama (que cumpria a função de arquibancada) observando com um ar meio sarcástico, meio indiferente, alguns funcionários desanimados que, no centro do campo de esportes, colaboravam com o chefe de segurança na tentativa de organizar as brincadeiras, em meio da apatia geral dos sentenciados.

Não era nada fácil conseguir candidatos para participar das brincadeiras e achei curioso ver os funcionários chamar os presidiários pelo seu nome: "- ei, fulano!... que te dou um dia se brincas!..." Depois de muita insistência, alguns acabavam aceitando resignadamente o convite. Outros poucos participavam espontaneamente de quase todos os jogos, sob as piadas e vaias do público, que

reservava as mais grosseiras e incisivas para estes voluntários.

As competições eram do tipo da "corrida do ovo", brincadeira que consiste em correr sustentando na mão uma colher com um instável ovo de galinha; morder uma maçã pendurada numa corda, com as mãos amarradas nas costas ou procurar com os dentes um objeto num prato de farinha, também com as mãos amarradas nas costas; enfiar um pedaço de linha numa agulha durante uma corrida ou correr com as pernas enfronhadas dentro de um saco. Para a corrida rústica em torno da quadra de esporte foi menos difícil a formação das turmas e era possível ver um pouco mais de animação. Os prêmios para estas competições resumiam-se a maços de cigarros e os ovos e as maçãs utilizadas na competição foram presenteados aos presos mais idosos.

Em um canto da quadra, a Assistente Social nos comentava que ela não estava de acordo com este tipo de jogo, ao que considerava infantilizante.

#### O concurso de calouros

Este concurso realizou-se no teatro da penitenciária, no interior do prédio do Regime Fechado. O teatro está montado numa grande sala retangular com janelas numa das paredes laterais. Ali foi construído um palco, enfrentando as fileiras de assentos de madeira dispostos em degraus, tipo cinema do interior. Uma mesa para o jurado, enfeitada com uma toalha branca, foi colocada frente ao palco, perto das cadeiras para o público externo, composto por estagiários e funcionários.

O corpo de jurados do evento era presidido pelo Diretor Geral (naquela época, um coronel da PM) e estava composto pelo Assessor Jurídico e o médico da prisão completando a banca. No palco, atrás do telão, podia-se escutar os presos do Regime Fechado ensaiando seus instrumentos: esta orquestra havia sido organizada por um funcionário da cozinha que também ocupou-se em conseguir emprestados os instrumentos e demais equipamentos eletrônicos.

Quando tudo estava pronto, começaram a entrar os presos que eram previamente revistados pelos guardas. Uma funcionária da administração do Presídio, desempenhando-se como apresentadora iniciou o espetáculo agradecendo aos sentenciados que tinham colaborado em preparar o cenário, colocando cortinas ou acertando o estrado. Foi ela que, na continuação, foi anunciando os candidatos.

A medida que os calouros iam se apresentando ante a indiferença deliberada do público, o chefe de segurança observava atentamente, anotando alguma coisa na sua agenda. Ao meu lado, um dos técnicos que assistiam o espetáculo comentou-me que sem dúvida estava anotando os nomes dos presos mais ativos nas vaias para um futuro castigo. Ocorria que as vezes, interrompendo o papo entre eles ou parando de fumar com o olhar perdido, os detentos manifestavam sua opinião de uma forma mais que estrondosa, batendo palmas ou vaiando a pleno pulmão.

Era interessante observar que os calouros mais aplaudidos pelos funcionários eram os mais vaiados pelos presos e que, em caso de empate entre um candidato do Regime Fechado e outro do Regime Semi-aberto, os presos torciam invariavelmente pelo primeiro. O

vencedor do concurso ficou "sujo na rodinha" e ganhou uma vaia especialmente ruidosa ao oferecer sua vitória ao coronel e agradecer a intervenção do advogado e da estagiária da Assessoria Jurídica por encaminhar um "direito que era meu".

Entre calouro e calouro produzia-se o "barulho de entre-ato", que aqui tinha características diferentes do que se verifica num teatro comum: era um barulho de descontentamento, surdo e contido. Alguns presos comentavam em voz baixa e outros fumavam de costas para o palco ou olhando tudo aparentando a maior indiferença. Os únicos que se conduziam como público bem comportado -no sentido de participar e empolgarse com o espetáculo- eram os funcionários da casa.

## CAPÍTULO 3

### A VIDA NA PRISÃO

#### O Ingresso

Quando um recém sentenciado ingressa na penitenciária deve cumprir inicialmente um processo denominado de "primeira fase": algemado e com roupas comuns, é apresentado ao setor de segurança e lhe é determinado um número de matrícula com o qual será identificado daí em diante.

Em seguida é submetido a uma revista na qual será despojado de todos os seus pertences: seus valores e jóias serão encaminhados à Tesouraria do presídio permanecendo guardados em um cofre; suas roupas e objetos pessoais enviados à rouparia e seus documentos (se os possui) à Divisão Penal onde ficarão arquivados a disposição das autoridades para quando se fizerem necessários. Estes bens e documentos lhe serão devolvidos quando da sua liberação; aqueles bens que não representam um risco para a segurança do sistema, podem ser liberados para uso rotineiro mediante autorização do Diretor Geral, especialmente o relógio, o bem mais prezado pelos internos.

Esta prática utilizada na introdução de indivíduos no Sistema penitenciário, tem um algo de semelhança com a cerimônia de exoneração praticada pelos militares para exemplificar o máximo de

humilhação, castigo psicológico e degradação da condição humana e gravar no réu uma marca indelével perante o resto da sociedade pelo resto da vida do expulso. O presidiário passa de ser o João, companheiro da Joana, a ser o número X, sentenciado pelo artigo Y.

Nesta etapa, será realizada a abertura do prontuário, devendo ser fotografado enquanto ainda civil; em seguida o "reeducando" é enviado à Rouparia, onde receberá o seu uniforme. Daqui em diante só poderá usar as roupas que lhe serão fornecidas pela Instituição, à exceção das roupas íntimas -as quais ele mesmo providenciará- assim como as toalhas de banho e de rosto. Nesta ocasião, será também submetido ao exame médico e, em caso de se constatar doença contagiosa, será enviado ao hospital para o devido tratamento. O detento passará também por uma avaliação psicológica e psiquiátrica no manicômio judiciário. Depois, com o uniforme colocado e a barba raspada, terá uma entrevista com o Diretor do estabelecimento onde lhe serão apresentadas as normas da casa.

O preso será então encaminhado ao pavilhão de ingresso, onde lhe será destinada uma cela na qual cumprirá um período de isolamento -chamado de adaptação- que corresponde a 1 dia por ano de condenação sem, no entanto, ultrapassar os 30 dias. Este isolamento será total, não lhe sendo permitido nem o banho de sol. Durante esta etapa -"de molho", como dizem os veteranos- ele não tem contato algum com seus pares, seus amigos ou seu advogado; seu único interlocutor será o guarda. Este isolamento lembra as penalidades dos mosteiros: a sós com a sua consciência, a idéia é que o próprio réu deve assumir a culpa pelos delitos cometidos, que a solidão favorece a penitência, o resgate do pecado pela dor, o remorso pela má ação cometida. Tem um forte conteúdo de moral católica, que almeja alcançar o perdão dos

pecados cometidos por meio do sofrimento, a solidão, a meditação e a prece.

"As cerimônias são como etapas de um ciclo que se deseja marcar e revelar, uma espécie de moldura especial, mesmo quando o quadro que ela determina, circunscreve e torna consciente, é banal ou mesmo cruel." (Gennep, 1908: 11)

Este ciclo pretende marcar a vida do indivíduo, salientando o valor da liberdade que ele perdeu por sua própria culpa, pelo delito que cometeu. Constitui ante-sala dos horrores que ainda estão por vir e objetiva fazê-lo sentir que o poder está mesmo com os guardas, que perdeu qualquer direito de homem livre, que agora ele é um preso.

Um dia na vida de um preso no Regime Fechado (1)

O preso é acordado pelo repique de um sino as 6:30 hs da manhã. De acordo com o depoimento de um sentenciado é nesse momento que:

"percebes que não é teu filho que estavas acariciando mas o teu próprio braço que estás alisando. Levantas a vista e vês na tua frente os barrotes da janela e aí tu cai na real. Apesar de tudo, foi bom fugir da realidade através do sonho..."

Essa fuga, porém, nem sempre é possível. Embora a atividade onírica seja uma das poucas coisas que não dá para lhe proibir,

-----! 1) A reconstrução do dia-a-dia do sentenciado em Regime Fechado foi feita com base o depoimento de vários dos meus entrevistados; condensando e estruturando as frases tendo, contudo, o cuidado de manter a carga emocional dos relatos.

"as vezes a presença dos guardas na tua vida é tão forte que muitas noites até participam dos teus sonhos, continuando a te judiar até a madrugada."

Não é apenas nos sonhos. Quando a noite a chave geral desliga as luzes, elas tornam a se acender novamente de hora em hora para que o agente prisional possa espiar através da vigia e verificar se o sentenciado permanece ainda no seu cubículo. Nas muitas vezes que o preso está acordado, o sono custando a chegar, esta visita horária constitui uma forma de medir o passar do tempo: aproveita a luz acesa para ir ao banheiro, beber água ou ficar simplesmente esperando a luz apagar de novo para tentar outra vez o sonho.

Para os presidiários novatos os dias na prisão são dias não vividos; eles prefeririam dormir e dormir, para só acordar na hora de sair em liberdade; dias que são contabilizados à noite com mais um risco na folinha, mais um dia que passou penosamente e menos um dia para sair. Contudo, no decorrer do tempo, todos os presos vão tomando consciência de que os anos que faltam para sair são muitos e que "o jeito é esse mesmo". Propõem-se então objetivos imediatos, como desejar o Regime Semi-aberto, esperar que chegue o dia da próxima regalia ou a próxima visita; a ficar atento aos referentes externos como o passar da companheira lá fora ou o filho que já faz tempo não aparece nos dias de visita. \*

O desligar da chave geral da luz, à noite, marca o final de uma etapa e o ingresso em outro mundo: o mundo onde tudo é possível, o mundo dos sonhos, ou o momento de fumar um "baseado". Instantes fora do tempo linear, uma ruptura desse contínuo monótono, um dia igual ao anterior e ao posterior. Tenta-se esquecer que nesse ritual de

passagem não se passou a parte alguma, que apenas virou-se mais uma página e que, lastimavelmente, a leitura da próxima não trará novidade alguma.

O jeito é esperar o fim da noite, levantar-se, lavar o rosto na torneira em cima da bacia e esperar que o guarda passe pela galeria gritando "-vassoura...vassoura!" para pedir uma e varrer o cubículo. Depois, esperar o carrinho que traz o café com um pãozinho, o "quebra-jejum" (ou "agua suja" ou "boquinha de pito"); então, o sentenciado passa a mão, segurando a caneca, através da portinhola e espera que o guarda verta o café, que bebe rapidamente para, em seguida arrumar a cama e organizar os seus poucos pertences. O guarda não controla a higiene da cela mas o preso já se resignou a considerar que esse é seu quarto, seu mundo e, como afinal, "ele também é gente", ao voltar do serviço na oficina da prisão não quer ver mais bagunça. Então, fica esperando que o guarda abra a porta.

"esperar, esperar o dia, esperar o café,  
esperar o guarda, esperar o dia de visita,  
esperar a condenação passar... A vida na  
prisão é uma eterna espera."

As diferentes refeições fornecidas na Penitenciária de Florianópolis são servidas pelos guardas desde que a Direção, ciente das fortes pressões que sofriam os presos que faziam esta tarefa por parte dos seus companheiros que queriam uma ração mais farta ou que lhes repassassem algum objeto proibido, resolveu tirar esta função dos faxineiros.

Entre 7:00 e 7:30 hs, abrem-se as portas das celas e, antes do preso sair, o guarda faz uma rápida vistoria por cima das roupas, a primeiras das muitas que ainda virão antes de acabar o dia. Este

rígido controle no interior de uma instituição de portas fechadas, onde qualquer entrada ou saída é supervisionada, tem provavelmente uma finalidade ulterior: fazer o preso passar por diferentes controles é uma forma de revistar indiretamente guardas e funcionários que as vezes são os agentes que entram ou deixam entrar os tais objetos proibidos. Por outra parte, vigiar é uma forma de penetrar no corpo do detento, na sua intimidade.

O preso forma então uma fila junto com seus companheiros da mesma galeria e depois, uma galeria por vez, todos são levados para o pátio; os habitantes dos cubículos da ala direita da penitenciária vão para o pátio da direita e os dos cubículos do lado esquerdo, para o pátio da esquerda. Ali os presos ficam até as 8:30 hs procurando o cantinho onde bate o sol; os que são designados para um serviço externo, situam-se mais próximos da porta, para serem chamados primeiro.

De pé junto à porta do pátio, o segurança chama um por um os presos que pertencem a uma determinada oficina e assim, ordenadamente, em fila, os detentos se dirigem aos seus lugares de trabalho, onde serão trancados junto com alguns colegas e um funcionário (o mestre da oficina). Três dias de trabalho significam um dia menos de pena para o preso. Esta prática, iniciada em 1840 pelo capitão Maconochie na Austrália, com seu sistema de "marcas" que o preso vai ganhando pelo seu trabalho, como etapas a cumprir para o caminho da liberdade, foi implantada em Florianópolis em 1985.

O tempo passado na oficina significa também a oportunidade de conversar mais tranquilamente com os colegas, estar concentrado em alguma coisa que faz o tempo passar mais rápido o que é, quem sabe, a

vantagem fundamental do trabalho na prisão. A circunstância de vários presos manterem uma convivência mais estreita, faz também que a oficina seja um lugar onde ocorrem freqüentes brigas, súbitas discussões em alto tom. Nestes momentos é que se vê se o mestre é "escamoso" ou "cascudo" e, ante qualquer briguinha chama imediatamente o segurança. Neste caso, os implicados na briga serão retirados da oficina e castigados.

Entre 9:00 e 9:30 hs, é servido um café com pão dentro da mesma oficina. Nos seus lugares de trabalho, os presos já tem prontas suas xícaras, improvisadas com potes de margarina ou garrafas de plástico de vinagre ou álcool. O guarda aproveita para anotar o preso que no seu conceito precisa cortar o cabelo para, posteriormente, procurá-lo na oficina e levá-lo ao barbeiro; dificilmente um preso solicitará espontaneamente este serviço.

A 11:30 hs os guardas abrem a porta da oficina. A medida que os presos vão saindo vão tirando suas roupas, pois são obrigados a ficarem nus e entregar suas vestimentas aos guardas, que as revistam minuciosamente, uma por uma, dando especial atenção às bainhas, onde é mais fácil esconder qualquer coisa. Nestas ocasiões o preso sempre acha que o guarda atua maliciosamente, fazendo sinais ou piscando um olho para um colega. Entre os detentos escutam-se risos nervosos. Os presos mais extravertidos fazem piadas referentes ao "melão" de um companheiro ou à "verruga", "bico de bule" ou "pé de mesa" de outro (conforme for a forma ou o tamanho do pênis do sujeito).

Os presos são então enfileirados e levados para seus cubículos onde ficam trancados até a hora do almoço, perto das 12:30 hs. Os sentenciados do Regime Semi-aberto que trabalham na cozinha, levam a

comida para os detentos do Regime Fechado servindo-se de um carrinho apropriado para tal finalidade. Na entrada da Casa Velha, os panelões são retirados desse carrinho e colocados em outro carrinho similar, a cargo de um sentenciado do Regime Fechado. Desta maneira, os guardas esperam que a única coisa que ingresse do exterior seja a comida.

O "rango" é distribuído por um guarda, que entrega a comida tirada do carrinho pelo preso da faxina que o empurra. Não há um cardápio fixo para cada dia da semana. O primeiro preso a ser servido vai avisando aos outros o menú do dia, que pode consistir de "boi ralado" (carne picada), "granada de mão" (bolinhos de carne), "penosa" (galinha) ou, em algum dia muito especial, "boi no espeto" (churrasco). Como sobremesa usualmente tem "lavajinha" (sagú com leite e canela) ou tomates colhidos da horta da prisão, os "bichadinhos", que os presos consideram sobremesa pela sua aparição muito esporádica.

O sentenciado passa pela portinhola seu prato de plástico (único material permitido) e o guarda, do outro lado, lhe serve a comida. A forma mais confortável para comer é sentar-se na cama. Porém, se o preso tiver a sorte de ter uma cela com um pouco de sol, provavelmente comerá em pé, perto da janela. Come com colher, único talher permitido e, se estiver de bom humor, quem sabe troque alguma piada sobre a qualidade da comida com o vizinho do cubículo contíguo, levantando a voz para ser escutado.

Depois da refeição, retira a escova de dentes e o creme dental (se ainda tiver) da sacola pendurada na parede, higieniza a boca, lava o rosto, olha-se no espelho. Precisa se barbear e, se por sorte tem um refil usado, pode raspar razoavelmente bem a sua barba.

Deita-se. Não tem cigarros. Pede para os seu vizinhos. Ninguém, porém, oferece-lhe um. Quase todos estão sem dinheiro pois já tiraram todo o que lhes correspondia do pecúlio. O jeito é tirar algumas palhas do colchão; as coloca na boca e espera a chamada para o pátio. Já escuta o guarda abrindo a porta do cubículo do lado. Apronta-se. Não pode deixar nervoso o guarda porque não gostaria de ficar de castigo, trancado no seu xadrez a tarde toda. Chega sua vez de ser revistado, inclusive sua sacola é examinada, dentro dela leva uma toalha, um sabonete e uma cueca porque pretende tomar banho na sua oficina que, por sorte, tem banheiro próprio, com ducha.

O preso entra na fila e é conduzido junto com seu colegas para o pátio, onde poderá sentir-se dono de um espaço no qual os guardas não se metem. É o lugar das coisas proibidas, onde se acertam velhas dívidas e contraem-se dívidas novas. Lugar onde pode conversar com o colega que trabalha em uma oficina diferente da sua, onde realiza a troca de favores ou objetos: um sabonete por cigarros ou açúcar por selos postais. Também é o lugar para jogar as damas na "malha" (tabuleiro improvisado no piso do pátio) apostando talvez um favor (como mandar uma mensagem para um amigo do outro pátio), algum objeto necessário ou dois ou três cigarros. Quem lhe dera! Ainda não arranjou um cigarro mas por sorte achou uma "bagana" no chão.

Se algum companheiro tem pó de café, pede ao guarda o bule e a "perereca" para preparar um líquido ralo e morno que compartilha com a sua turma. Até que às 13:30 hs todos os presos que trabalham numa mesma oficina são chamados de uma vez só, para serem novamente revistados, formados em fila e escoltados até o local de trabalho, onde ficarão trancados até as 17:30 hs.

Entre 15:00 e 15:30 hs é servido o cafezinho com pão. Parece que a nova direção pretende tirar este lanche. Os presos já estão habituados a este tipo de boato e a ameaça parece crível pois quando parece que não é possível tirar mais nada, sempre acha-se alguma coisa para mostrar quem é que manda. Como aquele preso que perdeu o espelho que tinha em seu cubículo na época do diretor anterior: o guarda achou que era proibido e o pegou.

"Fazer o que?... Abaixar a cabeça e pensar em outra coisa... O diretor mudou mas o guarda é ainda o mesmo... tá sabendo que eu preciso espelho, se ele quiser, o devolve. O importante é não ser castigado e ganhar pontos para conseguir passar ao Regime Semi-aberto."

As 16:30 hs os presos se revezam para tomar banho individualmente no chuveiro da oficina. Uma hora depois termina o período de trabalho. São outra vez revistados nus, enfileirados e conduzidos às celas. Quem não tomou banho porque sua oficina não dispõe de ducha, pode atender ao chamado do guarda que passa pelo corredor perguntando quem tomará banho na ducha comum, situada na primeira galeria, com chuveiros de água fria, como são todos os da penitenciária.

Entre 18:30 e 19:00 hs é servida a janta. As 20:00 hs começam as aulas; para os sentenciados analfabetos a frequência é obrigatória; os presos que desejam completar seus estudos podem fazê-lo. Os presos que não frequentam a escola podem participar de reuniões de seu culto religioso, que se realizam nesse horário uma vez por semana, além da reunião formal de sábado ou domingo, conforme seja sua religião.

Quem não assiste a um curso ou a uma reunião de culto fica na sua cela lendo, escrevendo, escutando o rádio ou, se é um dos privilegiados que tem aparelho de TV, assistindo alguma telenovela. Se está com fome pode mastigar o biscoito que sobrou dos que lhe trouxeram na última visita. Café não pode preparar, pois por disposição do novo diretor, foi-lhe retirada a "perereca" e não tem como esquentar água.

As 22:00 desligam-se as luzes e é possível dizer:

"Que bom... acabou mais um dia!"

## O MUNDO DA "MASSA"

### A organização social na prisão

Ao ingressar na prisão para ficar isolados do mundo, atrás daqueles altos muros, os presos já foram expulsos pela sociedade livre. Dentro da instituição, o tratamento que recebem cotidianamente dos guardas e funcionários lembra-lhes a todo momento que, como criminosos, eles não são aceitos pela sociedade livre.

Um indivíduo nestas condições está de fato ingressando em outro mundo, com códigos próprios os quais, se ele é novato, precisa aprender o quanto antes, para não ser duplamente rejeitado. Ele está ingressando no "mundo da massa" e deverá viver nele, fazendo parte de tudo, porque quem reluta em inserir-se, torna-se suspeito.

O que é "a massa"? De acordo com a definição de um dos presidiários entrevistados: "a massa são os presos, são os que estão pagando pena..." Aceitar os modos de se conduzir dentro desse mundo significa "viver na massa", o que quer dizer:

"viver de acordo com os irmãos de sofrimento e se comportar do jeito de aqueles três macaquinhos esses que um tampa os olhos, outro os ouvidos e o terceiro a boca. Viver na massa é aceitar a lei da massa, não ver nada, fazer de conta que não ve, entende? Não pensar que você é melhor que os outros presos, estamos aqui todos juntos e devemos nos ajudar uns aos outros."

\*Não há como fugir das regras desta sociedade organizada atrás dos muros da prisão, com seus líderes e suas leis, suas categorias sociais e sua linguagem.\*

"todo preso vive na massa, alguns de um jeito, outros de outro, uns ditando a lei e outros cumprindo-a, embora para muitos, não fazer nada já está bom: não cagoetar, não trair, não roubar. Os do Regime Fechado tem que viver mesmo na massa enquanto que os do Regime Aberto, podem ter mais a proteção dos home'."

A massa possui seu próprio código moral, que divide os presos em "limpos" e "sujos". Os primeiros são aqueles nos quais se pode confiar: são os cegos, surdo e mudos; os segundos são os "que dão com a língua nos dentes" ou seja, são aqueles que falam demais:

"o sujeito que é um cara 'sujo' não se comporta direito, descumpra o código dos presos, deixa muitos 'furos' e 'oferece a canção aos homens". Tem que ver que os presos são diferentes aos guardas e, como a água e o azeite, não se juntam. Eu não daria a mão ao diretor na frente de todo mundo, isso desmoraliza o sujeito... Tudo no maior respeito, sem faltar-lhe aos guardas, mas sem poder ser amigo de um deles."

Existem presos que são mais confiáveis que outros, que são mais participativos, que estão "no miolo da massa"; esses, são "limpeza pura" ou "limpo-limpo". Quando dois ou mais presos estão conversando ou tramando algum projeto que deve ficar em segredo e aparece um preso pouco confiável, dizem "-sujou" e mudam de tema ou fazem um sinal imperceptível para o intruso, como tirar com a mão uma imaginária sujeirinha da roupa.

#### A linguagem da prisão

Para conseguir inserir-se no mundo dos presidiários, o ingressante deve aprender, se não o conhece por anteriores experiências, o linguajar da "massa". Esta particular maneira de falar é um elemento de autoafirmação dos integrantes da "massa" e constitui uma marca original que só a eles pertence.

\* A invenção deste léxico especial, a "gíria da massa", pode não apenas atender ao desejo de originalidade, como também atender à necessidade de se fazer entender apenas por indivíduos do mesmo grupo, sem ser compreendidos pelos elementos de fora. O falante da gíria também agride através deste vocabulário tudo o que é convencional, opõe-se a um comportamento tido como normal na sociedade de fora e, desta forma, deixa marcado seu conflito com aquela sociedade.\*

Através da linguagem marginal, o preso consegue opor uma certa resistência à ordem que o rejeitou e criar um meio de identificação entre quem pertence à "massa" e quem está do lado dos "homens". De um modo geral, todos os presos entendem em grandes linhas o linguajar

gírico. Alguns não o falam correntemente, mas entendem suas expressões:

"Na prisão, a gíria é a linguagem da massa e quem pertence à massa é malandro."

Dentro do universo da prisão, existe um grupo mais restrito, que possui uma criptologia que muda constantemente quando seu uso se torna público. Estas expressões cifradas referem-se quase sempre a temas vinculados ao uso de tóxicos (por exemplo atualmente "Jesus" significa droga injetável; "Cristo" é a seringa e "dar nos canos ou no cordão" é injetar a droga na veia sanguínea) ou à organização de fugas: "vou dar uma banda" equivale a dizer "vou fugir". "A continuação do tatú com o cuchilho e jogar o produto em outro corral porque o rolé será logo" significa continuar cavando o túnel com a pá ou alguma ferramenta improvisada, jogando a terra em outra cela porque a fuga acontecerá em breve.

As categorias sociais dentro da "massa"

Dentro do "mundo da massa" existem espaços sociais a serem ocupados pelos presos, com a sua hierarquia e seus limites sociais separando zonas, em cujas margens se situam indivíduos que são desprezados pela "massa" tais como os "jurões", por exemplo. Em certa medida, pertencer à "massa" equivale a ser parte de um grupo quase que étnico, considerando que das quatro especificidades assinaladas por Fredrik Barth (1969: 11), a "massa" preenche três:

- compartilha de valores culturais fundamentais rea-

lizados com manifesta unidade em formas culturais.

- integra um campo de comunicação e interação.
- conta com membros que se identificam entre si e são identificados por outros, constituindo uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem.

## O Malandro

É o indivíduo que conhece os códigos existentes e que também dita novos códigos, vigiando para que estes sejam cumpridos.

"eu já vi malandro mijar num estilete durante uma semana, para enferrujá-lo e matar um cara por um maço de cigarros. Ele faz isto não pelos cigarros senão porque não pode ser chamado de bunda mole, que se deixa passar para atrás por qualquer sujeitinho, isso desmoraliza o malandro. Às vezes ele tem que matar só para manter a moral em pé; só para tirar satisfação."

Dentro da cadeia ele não está aprendendo nada novo; ele é malandro também lá fora; simplesmente transferiu seu linguajar e sua forma de agir para dentro dos muros da prisão. Seu poder está na força física e também no seu carisma, sua facilidade em rodear-se de colaboradores e juntar-se numa turma coesa.

Oliven (1982: 36-38) assinala como característica do malandro seu "horror ao batente" ou a falta de vocação para o trabalho. O malandro usa a força só quando com a "lábria e o jogo de cintura" não consegue se safar da "prontidão".

## O Jurão

Esta é uma categoria oposta ao malandro, porém, sem força para substituí-lo; é o outro lado da moeda. Está nas margens do mundo da massa. É um qualificativo que divide águas: perante a Direção do Presídio alguns presos se auto-definem como jurões. Dentro desta categoria estão, por exemplo, os homicidas simples, muitas vezes uma pessoa do interior: "ignorante", "jaguarão".

## O Loque

Constitui uma subcategoria do jurão, é o otário ou indivíduo abobado que pode ser utilizado pelos malandros para executar ações nas quais o malandro não quer ser flagrado, tais como carregar drogas, por exemplo.

A tabela 3.1, abaixo, mostra a correlação entre as pessoas citadas na pesquisa com referência a sua rotulação como "malandro", "loque" ou "jurão" e o resultado da confrontação entre cada categoria e a qualificação "vive na massa". Pode-se observar nesta tabela que as mesmas pessoas que "viver na massa" são também "malandros" enquanto outras pessoas como o "jurão" ou o "loque" não "viver na massa" e são incompatíveis com os "malandros". Isto é: a "massa" é especificamente o lugar do "malandro" e, embora uma pessoa categorizada como "loque" possa ser rotulada de "jurão" ou vice-versa, estas categorias e a de "malandro" excluem-se mutuamente.

Tabela 3.1  
Relações entre categorias  
sociais e "viver na massa"

	malandro	vive na massa	Jurão
loque	-0,28	- 0,22	- 0,59
malandro		0,53	- 0,43
vive na massa			- 0,29

Os resultados obtidos na tabela 3.1 são confirmados pela tabela 3.2, mostrada a seguir, onde detalha-se o número de citados considerados "jurões" ou "malandros" e na qual evidencia-se a correlação negativa entre estes dois rótulos. Nota-se que dificilmente o "jurão" poderia ser considerado "malandro".

Tabela 3.2  
Relações entre "jurões" e "malandros"

	malandro	não malandro
Jurão	2	47
Não jurão	59	53

#### Os espertos

Analisando ainda a tabela 3.2, percebe-se que há uma outra categoria formada por 53 indivíduos que não são nem "jurões" nem "malandros": são os "espertos". Alguns dos entrevistados colocam este sujeito dentro da categoria de "malandro"; seria o "malandro esperto" ou "miguelão", que faz trapações e não é punido por elas; tal como define o seguinte comentário de um entrevistado:

## "O miguelão filou o ônibus e pinotiu"

Contudo, a maioria dos entrevistados considerou que o malandro esperto "mesmo", não está na cadeia e, desta forma, o tipo identificado na tabela acima, que não é malandro nem é jurão, seria aquele indivíduo tipicamente hábil, que circula sem maiores restrições entre a massa e tem certo prestígio entre os guardas, conseguindo estabelecer uma série de relações estratégicas que lhe permitem "adiantar sua cadeia", isto é: evitar as punições que venham a "sujar seu prontuário" de forma que poder sair da prisão com a permissão da justiça e não através de uma fuga. Ele nunca será apanhado em situações perigosas nem em companhia de malandro nem fazendo "bolinha" (enturmando-se ou drogando-se). Faz favores para os malandros e trata os guardas com respeito, mas sem submissão.

### A rale da prisão

O "cagoete" e o "rato de xadrez" ocupam, junto com os homossexuais, os degraus mais baixos desta ordem social. O "cagoete" é o preso considerado "sujo", indivíduo em quem não se pode confiar: "inimigo", "dedo-duro", "entregão", "sem-vergonha", "parceiro-sem-caráter", tais alguns dos nomes dados para o preso que delata ou entrega seus companheiros à autoridade do presídio.

Numa ocasião, um dos entrevistados foi surrado por três detentos com tal violência que perdeu todos os dentes da frente, só porque na oficina de tipografia onde trabalha, ouviu um barulho estranho e, dirigindo a vista para o lugar de onde vinha o som, comentou:

"- parece que estão cortando ferro"; para o seu azar, era justamente

o que estava acontecendo, estava-se fabricando um estilete. O mestre não tomou ciência do fato e o detento que preparava a arma não foi castigado mas sentiu que a sua segurança corria perigo e tomou medidas para castigar o "língua de trapo".

O "rato de xadrez" é o preso que rouba um companheiro. Se ele é descoberto, está condenado a receber uma surra, quando não a morte:

"Eu não tenho raiva de um rato de xadrez...  
Tenho é nojo. Ele é a mancha do xadrez."

O travesti, bicha, boy ou mãezinha é o indivíduo que mantém relações homossexuais com os companheiros, teóricamente no papel passivo. Apesar destas expressões serem, às vezes, utilizadas como se fossem sinônimos, elas tem diferenças entre si: as duas primeiras referem-se ao preso com gesticulações de mulher e as outras duas designam geralmente garotos viciados em droga e que se prostituem para conseguí-la.

#### O uso do espaço

O presidiário não possui espaços que sejam estritamente privados, aos quais apenas ele tenha acesso e nos quais possa sentir-se um ser independente. Com relação aos seus "irmãos de sofrimento", o seu cubículo lhe assegura uma certa privacidade, muito embora a vigilância através do "olho bionico" (abertura na porta) esteja sempre presente no seu subconsciente, indicando que a privacidade existente em relação aos outros presos não existe em relação aos guardas. Sabe que, no momento menos esperado, poderá estar sendo vigiado pelo guarda.

O uso do espaço e a superação de suas limitações depende fundamentalmente da imaginação e a criatividade do presidiário que frequentemente, consegue recriar os ambientes e inventar "seu espaço". Diversos lugares do presídio apresentam condições favoráveis para isso: a sala de aulas, quando desocupada, serve para abrigar encontros furtivos de dois detentos, um dos quais pediu permissão para ir na biblioteca e outro inventou um pretexto qualquer para sair da oficina

O pátio da prisão, na hora de tomar sol, pode-se tornar um lugar de encontros sociais, de fumar um cigarro de maconha ou acertar as contas com um desafeto. O guarda dificilmente invadirá este espaço nem partirá para separar uma briga: quando muito, tentará parar a bagunça com seu apito. Se a briga chega a adquirir grandes proporções e se sente superado pelos fatos, o guarda solicita a atuação da PM a qual será a que entre de fato no pátio.

Esta falta de privacidade na prisão é uma característica da Instituição Total sobre a qual tanto Goffman (1961) como Foucault (1975) fizeram penetrantes observações: é necessário que o poder do sistema, dos guardas e das autoridades resida na vigilância total, que perspasse o presidiário pelo seu corpo todo, retirando toda e qualquer intimidade.

Contudo, é sempre possível arranjar "momentos privados", nos quais o espaço público se torna privado e permite realizar eventos que, em princípio, estariam reservados a um ambiente íntimo, fechado. Diante do olhar vigilante do mestre, um dos meus entrevistados chegou a manter uma relação sexual oral com um companheiro de oficina, de pé frente a um baú que supostamente lixava e dentro do qual escondia-se

seu parceiro.

Nestes casos a privacidade, embora relativa, depende apenas de ficar fora do alcance do olhar dos "homens", seja o mestre de oficina, o guarda ou um funcionário. Dos seus colegas não precisa se cuidar; sabe que eles "ficarão na moita", farão de conta que nada veem, nada escutam e não se permitirão nem fazer uma piada em relação ao assunto. Aqui a privacidade referencia-se ao mundo dos guardas e os outros presos são incorporados ao âmbito privado.

A relação com os outros presos não chega a ser tranquila e o espaço público que é usado para fins privados, em relação aos guardas, contando com a cumplicidade dos colegas, pode-se tornar uma complicação:

"Outro dia vi um guri bonito transando com outro cara. Ele era um enrustido e caí em cima dele: não adianta dissimular que eu tô sabendo de tudo; tu podes ficar enrustido e quando precisar de um arrego podes contar comigo... Eu te arrumo um papagaio e a gente se entende."

O autor deste depoimento acabou transando com o "guri" na sala de aulas, em troca de um radinho de pilhas. É difícil para o preso encontrar um lugar no qual possa tirar a máscara que mostra ao seu público -seja este guarda ou presidiário- e abandonar por um momento a representação: um lugar para fumar tranquilo um "baseado", olhar uma revista pornográfica, se masturbar ou manter uma transa com outro. \* A criatividade e a engenhosidade são as principais armas para conseguir manter alguma forma de individualidade e satisfazer as próprias necessidades.

## As atividades cotidianas

Dentro do universo social da prisão, cada categoria tem a sua especialização, cumpre determinadas funções e assume comportamentos específicos. Todos precisam fazer a sua parte para serem reconhecidos como integrantes do todo.

A seguinte tabela classifica as categorias citadas como relacionadas com atividades específicas.

Tabela 3.3  
Categorias de pessoas citadas  
para diferentes atividades

Razão da citação	% dos citados que são		
	jurões	malandros	travestis
emprestar dinheiro	29	25	2
passar recados	28	33	0
lavar roupa	25	21	62
apoio físico	18	43	0

Pode-se perceber que os jurões são os mais citados para realizar algum tipo de favor ou serviço como emprestar dinheiro, lavar a roupa ou passar recados. Os malandros são os mais citados para dar apoio físico ou passar recados, assim como os travestis são os que especializam-se em lavar roupa.

Frequentemente os jurões pagam os malandros para não ser incomodados por eles, assim como também passam objetos e recados e lavam-lhes a roupa, embora sejam os travestis os que habitualmente desempenham atividades que na sociedade extra-muros são consideradas

típicamente femininas, tais como lavar roupa, limpar os cubículos ou costurar, conseguindo como retribuição cigarros, drogas ou proteção.

Os malandros são os que fornecem a proteção, prestam apoio físico numa briga ou passam recados. É interessante salientar que, se comparados com os jurões, os malandros passam mais recados, apesar de ter sido assinalada como uma característica dos jurões o passar objetos e recados. Me foi depois explicado que embora os jurões costumam intermediar os recados e passar objetos considerados perigosos pelos malandros, para passar um recado ou um objeto valioso com maior segurança, o indicado é o malandro.

Já foi dito que os presos são revistados a cada momento, o que torna muito difícil passar objetos proibidos sem contar com a conivência dos guardas. O sentenciado que analisava para mim esta atividade, explicou-me que para ter sucesso precisa-se ser malandro "mesmo", ter o sangue muito frio. O guarda está preocupado em olhar os lugares mais escondidos (na bainha da roupa, por exemplo). Então, o jeito é levar o objeto na parte mais visível, como na mão ou pendurado no pescoço.

#### As relações entre os presidiários

A intensidade dos conflitos entre os presos estão a poucos degraus dos conflitos entre eles e o staff da direção: os jurões não gostam dos malandros, os malandros não gostam de cagoetes e assim por diante. Os jurões são considerados "sujos", não tanto pelo que fazem mas pelo que poderiam vir a fazer; são eles os que emprestam dinheiro aos malandros, possivelmente para conseguir proteção ou como uma forma de comprar sossêgo.

Assim mesmo, os jurões não querem nem saber dos malandros, tentam evitá-los o máximo possível e não os consideram uma fonte de favores (na pesquisa surgiu uma correlação negativa entre a porcentagem dos malandros citados e a porcentagem de jurões citados pelos presos: -0,23). De outro lado, a antipatia pelos malandros é geral; junto aos cagoetes, os malandros são a categoria pior vista no mundo da prisão, como mostra a seguinte relação:

razão para a citação	% dos citados que são		
	jurões	malandros	cagoetes
raiva	37	75	62

Para os jurões, o fato de estarem presos não passa de um mero acidente; a prisão não é o lugar deles. Anseiam cumprir sua pena o quanto antes e sumir logo dali. Para eles, os malandros é que estão no lugar que lhes corresponde: na cadeia mesmo. Os presos do Regime Semi-aberto se autodefinem como jurões, mas para os do Regime Fechado ser jurão é um estigma. Frente às autoridades, o jurão leva vantagem; frente à "massa" quem leva vantagem é o esperto.

De acordo com os depoimentos dos sentenciados, o mundo da massa seria o mundo do crime, o mundo dos malandros. Outras categorias convivem neste mundo por uma imposição, mas dele tem raiva, que se manifesta através da raiva dirigida ao malandro. Muitos entrevistados manifestaram reiteradamente terem feito por força das circunstâncias da "massa", "coisas" que nunca na sua vida teriam executado lá fora. É um mundo odiado, mas é preciso entrar nele pelo temor de ser

rejeitado e violentado. As opções para quem não dispõe de dinheiro para comprar sossego são mínimas.

#### A troca de favores

A troca de favores entre os internos é considerada por eles como mais uma forma de diferenciação em relação ao resto do mundo. Os presos declararam reiteradamente que entre eles não há nem compra nem venda, só uma troca de favores. Assim, um interno que trabalha na alfaiataria pode arrumar uma roupa, seja encurtando uma calça para ficar mais na moda ou remendando alguma peça: o da marcenaria fazer uma prateleira para uso de um sentenciado ou para uma visita. Os que trabalham na tipografia dão um jeito para arranjar um bloco carimbado com o nome do interessado e uma "mãezinha" pode lavar a roupas dos seus afetos.

Na penitenciária existe uma lavanderia, mais a maior parte dos detentos lava sua roupa "para que fique mais cheirosa", para "não misturar com as dos outros e pegar uma doença" ou porque "as roupas dos sentenciados do manicômio judicial são lavadas no mesmo lugar e eu não gosto". O preso que trabalha na copa dos funcionários, tem a seu dispor um fogão e pode ferver numa panela a sua roupa de cama e, às vezes, a de algum companheiro. Porém, não quer fazer isto sempre, para não ser chamado de "mãezinha".

Tudo é passível de ser objeto de uma troca e a medida padrão para esses intercâmbios é um maço de cigarros Hollywood. Existem os modos certos para solicitar um favor: o que está numa situação de força manda, mas entre iguais se pede e, fundamentalmente, nunca se pede favor nenhum diante de terceiros. A um preso que trabalha na parte

burocrática nunca lhe é servido café como aos funcionários. Já escutei um deles solicitar o café ou pedir sem sucesso o favor de que lhe tragam água para o chimarrão. Pode acontecer que algum outro colega que está na faxina lhe traga a água, mas nunca o cafeteiro. Ao perguntar-lhe se estava de mal com aquele indivíduo, o encarregado da copa respondeu que ele serve aos funcionários por obrigação, mas não é empregado de preso.

Até o lixo é valioso como produto para uma troca:

"O sebo das velas da igreja não se joga fora, não; nunca vai para o lixo. Tem um sujeito que consegue o sebo e produz, com mais alguns sacos plásticos, umas vaginas artificiais que terão um grande valor de troca."

Entre os favores mais citados pelos presos entrevistados podem-se listar:

- consertar um rádio quebrado
- passar um recado
- trazer algum objeto proibido de fora
- fazer móveis e artigos de madeira
- fabricar um estilete
- dar comida
- favores sexuais

Os favores de guardas e funcionários

Se entre os presos existe a troca de favores, com os guardas existe a negociação e o pagamento. Para os internos, os guardas e funcionários podem ser classificados, conforme os favores que fazem aos presos, em "limpos" e "sujos".

"Um guarda limpo é por exemplo aquele que não fica perseguindo os presos, que não se faz de rogado quando a gente pede para comprar cigarros ou levar um memorando. É um sujeito bom caráter; não enrola quando a gente precisa ir ao médico. Faz favores, mas dentro do regulamento da casa né?... já para um guarda 'limpeza pura' pode-se pedir outro tipo de favores, como uma carta que não passe pela censura, uma chamada no telefone, passar algum bagulho. ... Um guarda sujo é o que está de mal com a vida; não faz favores, está sempre procurando motivos para incomodar os presos, dá castigos à toa..."

Os funcionários e profissionais da administração entram em outra categoria, eles são individualizados por seu próprio nome quando são bem-vistos e por apelidos vulgares quando não são queridos pelos presos. Assim o médico é o "vetera" e o Diretor é "o Homem". Quando a raiva contra eles é grande, os apelidos são mais vulgares: "fusaca", "cachorra" ou "jaguara"

A "limpeza pura" deve ser paga, seja com dinheiro ou com trabalho e é frequente os presos trabalharem na casa de guardas ou funcionários ou nas próprias oficinas da Penitenciária. Um preso com ofício altamente útil, como um mecânico de automóveis, um mestre de obras ou um bom pedreiro, poderá fazer valer sua profissão para conseguir bons favores dos guardas e funcionários:

"Olha, negociando com os homens, tudo dá prá conseguir; qualquer coisa. Imagina, eu, como preso que sou, conseguia mandar para a família latas de óleo, arroz, farinha e essas coisas. E, no final de semana, eu saía para casa."

"Eu pagava a gasolina a um funcionário para ir trabalhar na casa dele. Claro que na realidade

onde eu ia era para minha casa e de noite, ele me recolhia para voltar à prisão. Sempre pode-se dar um jeitinho; um dia um diretor me surpreendeu na praia, me cumprimentou e na Segunda Feira me trancou na solitaria."

"Eu fugia do Semi-aberto cada tarde e ia para minha casa, voltando de madrugada. Vou contar pra senhora: eu sempre gostei de fumar um baseado e uma vez só me apanhou um guarda; ele entrou no meu xadrez e falou: -o! fulano, que cheiro é esse? Não sabia que tu também fumavas mas tudo bem, se todos fossem como tu que fumas sem enturmar-te, isto aqui seria moleza... Eu não incomodava eles, então eles eram limpos comigo."

## CAPÍTULO 4

### PRISIONIZAÇÃO

#### TEORIAS SOBRE O FENÔMENO DE PRISIONIZAÇÃO

A prática da reclusão como forma de redenção, de acerto de contas e de reforma da personalidade do indivíduo é uma idéia antiga; desde os tempos dos primeiros mosteiros cristãos acredita-se intuitivamente que o réu, sozinho, afastado do convívio com seus semelhantes, refletirá sobre sua culpa e, permanecendo em solidão e sofrimento, chegará ao remorço. Meditando sobre sua culpa, o recluso deveria criar novas formas de pensar e agir.

Diversas pesquisas sobre o efeito que a permanência em prisão produz no comportamento de um indivíduo sugerem que, de fato, a vida durante longos períodos dentro deste tipo de instituição provoca reações que diferenciam psicologicamente o interno do homem livre (Muakad, 1984; Harris, 1975). Há uma certa concordância de que os detentos terão dificuldades em encontrar emprego e de se reintegrar à família, quando da sua saída da prisão (Sussekind, 1984)

Ao estudar as características específicas da prisão como uma Instituição Total, Erving Goffman (1974) adverte que o interno sofre um "des-aculturação" que provoca o enfraquecimento do senso da realidade sobre o que de fato é o mundo exterior assim como da noção de auto-responsabilidade por suas ações. O afastamento dos valores e

normas próprios do mundo exterior, torna o indivíduo que passou longos períodos neste tipo de intuição, um ser incapaz de enfrentar determinadas situações da vida em liberdade.

Por sua vez, Donald Clemmer (1970), que constitui todo um marco na conceituação da figura do condenado, o visualiza como um indivíduo sujeito aos condicionamentos de um meio social ao qual pertence por razões alheias à sua vontade e no interior do qual é forçado a viver durante períodos mais ou menos longos.

Clemmer chama o fenômeno de aculturação ou assimilação compulsiva aos padrões culturais vigentes no interior da prisão de "prisionização". Este processo de prisionização estaria caracterizado por:

- a.- aceitação de um papel inferior
- b.- desenvolvimento de novos hábitos no comer, vestir, trabalhar e dormir.
- c.- adoção do linguajar local
- d.- o reconhecimento de que nada é devido ao meio ambiente, quanto à satisfação das necessidades
- e.- eventual desejo de arranjar uma "boa ocupação" dentro da prisão.

Na sua análise do processo de prisionização, Clemmer (1970) diz:

"As fases da prisionização que nos interessam principalmente são as influências que alimentam ou aprofundam a criminalidade e a antissociabilidade" (Clemmer, 1970: 480)

Depois, embora reconhecendo que alguns presos não integrados à "cultura" da prisão possam apresentar maior criminalidade que outros presos "integrados" a essa cultura, Clemmer afirma que no geral, quanto maior a prisionização, maior a criminalidade.

Em um trabalho de pesquisa com a participação de 234 infratores de menor idade cumprindo pena, Harris (1975) conclui que não há uma correlação linear entre o comportamento desviante e o tempo de internação, como afirmado por Goffman (1961). Harris (1975) caracterizou os primeiros seis meses de internação como período de "recuperação" já que no decorrer desse tempo, os menores infratores passaram a valorizar cada vez menos a vida criminosa, verificando-se que, depois destes seis meses iniciais, os internados passaram a valorizar cada vez mais a vida criminosa.

Harris sugere então que o valor esperado de um comportamento desviante está substancialmente associado com a probabilidade percebida de um futuro comportamento criminal dos internos, por causa da rotulação como "criminoso" por parte das autoridades dos internos.

Por outra parte, Thompson (1976) observa que no interior das prisões, existe um interrelacionamento social marcado por comportamentos que representam total divergência com os comportamentos que caracterizam o interrelacionamento social no interior de uma sociedade aberta; Thompson sugere que um dos fatores que poderia explicar os códigos de relacionamento social dentro da prisão, seria a quebra da solidariedade entre os detentos, provocada pelo próprio ambiente rarefeito da cadeia e pela aplicação de políticas deliberadas por parte das autoridades carcerárias, para

manter o controle sobre o conjunto dos presos.

A quebra dos padrões de solidariedade dentro da prisão seria provocada pela disputa entre os detentos para obter vantagens e evitar punições uma vez que, no sistema penitenciário atual, uma dosagem homogênea das vantagens não pode ser satisfeita para a comunidade como um todo e os privilégios de alguns, resultam da supressão desses benefícios para outros.

Ainda segundo Augusto Thompson, o detento vê-se, então, incitado por impulsos contraditórios: se por um lado procura estar de bem com os seus companheiros de infortúnio para evitar agressões e vinganças (que conhece muito bem por ter sido, muito provavelmente, a testemunha, quando não a vítima das mesmas), por outro lado precisa impressionar bem as autoridades, agindo para agradá-las quando na sua presença. Nesta contradição, o presidiário é forçado a manter comportamentos duplos: com a finalidade de ser aceito tanto pelos seus companheiros como pela administração da penitenciária, aprende a mentir ou aperfeiçoar suas mentiras.

De outra parte, esta quebra da solidariedade é fomentada pelos guardas, manobrando para resguardar sua segurança. Thompson conclui sua argumentação perguntando se esse detento bem comportado, obsequioso, não seria todo o contrário do que se espera de um homem livre.

"... as 'sociedades' (ganguês) acabam-se constituindo como único apoio para a manutenção de sua identidade e humanidade, promovendo mais agudamente a

interiorização dos atributos de 'infrator', encarados ai positivamente como atributos de 'malandro'." (Arruda, 1983: 98)

## INDICADORES DE PRISIONIZAÇÃO

Com o objetivo de avaliar essas hipóteses, especifiquei alguns indicadores de "prisionização" que poderiam ser correlacionados com o tempo que os presos permanecem na penitenciária. Os indicadores pesquisados foram os seguintes:

- Números de malandros citados
- Recaída no delito
- Voltar à prisão
- Castigos por desrespeito
- Culpar os outros

### Número de malandros citados

Este indicador reflete o entrosamento dos presos no sistema social do presídio, conforme sugerido por Thompson. Conjecturei que quanto maior o relacionamento de um preso com elementos identificados claramente com o mundo do crime, maior seria a introjeção da cultura carcerária na personalidade do preso. Adotei então este critério para determinar a intensidade do relacionamento cotidiano do entrevistado com os "malandros", figura bem representativa do mundo da "massa". Esta variável consiste na quantidade de "malandros" citados por cada entrevistado dividida pela quantidade total de pessoas citadas por ele.

## Recaída no delito

Uma alta expectativa de voltar a cometer atos criminosos foi também usada para indicar uma maior identificação com o crime. Alguns presos foram bem explícitos em relação às suas expectativas para depois de sair da prisão:

"Vou dar uma oportunidade para a sociedade; estou a fim de andar direito. Agora... se não consigo arranjar um bom trabalho, o que eu posso fazer?"

"Nunca mais. Não quero voltar nunca mais a este brejo... vou mudar de cidade e trabalhar honestamente."

"Acho que estou recuperado... estou com pensamento bom na cabeça. Agora vou ver como a sociedade vai me receber... Se eles me receber legal, estará tudo certo, não?... Agora, se eles não me der apoio... Tem que olhar meu lado, me dar emprego. Se eu começar a bater portas e elas se fechar para mim, eu vou ter que dar um jeito de abrir elas... O que faz a pessoa partir para uma dessas é a situação... "

## Voltar à prisão

Os presidiários que se sentem estigmatizados podem considerar que o fato de serem ex-presidiários os condena inexoravelmente a retornar à prisão. Serão os primeiros a serem suspeitos ante qualquer proximidade com um delito, pois a sua identificação com o mundo do crime é irreversível.

A expectativa do entrevistado sobre a possibilidade de voltar a ser preso depois de obtida sua liberdade pode ser considerada então, como outro indicador de "prisionização". No entanto, é preciso ter cautela com depoimentos como o seguinte:

"Aprendi a lição e nunca mais voltarei a cair em cana... "

Este depoimento pode significar que:

- 1) O entrevistado pretende regenerar-se e evitar o delito para nunca mais ser preso ou que
- 2) já se formou na "universidade da prisão" e está profissionalmente habilitado para não cometer erros que o conduzam novamente ao interior do presídio, como indica o seguinte depoimento:

"Serei mais esperto... farei apenas mais uma, que será tão perfeita que não me pegarão. Depois, comprarei um caminhão e trabalharei honestamente."

#### Castigos por desrespeito

O desrespeito é uma falta leve, penalizada com suspensão das visitas ou de algumas regalias; pode significar uma avaliação subjetiva das autoridades relativa ao comportamento esperado de um presidiário. Por ser passível de penas relativamente leves, esta infração é utilizada por alguns sentenciados para melhorar seu prestígio antes seus companheiros. Cometida frequentemente por internos considerados "malandros", uma alta taxa de castigos por desrespeito poderia significar um maior grau de inserção no mundo da "massa", contribuindo para a sobrevivência do contraventor nesse mundo.

Medi esta variável pesquisando os prontuários e determinando a quantidade de vezes que o entrevistado tinha sido castigado por desrespeito.

## Culpar os outros

O inferno são os outros"  
(Sartre)

Todos temos uma história a contar e os presidiários tem as suas. Entrevistando-os, fiquei com frequência surpresa ao escutar suas respostas ante perguntas tais como: -Sente algum remorso pelo crime cometido? ou: -Pensa alguma vez na sua vítima ou nos familiares dela?. Quase sempre é possível notar uma despersonalização: referem-se a seu delito de uma forma impessoal e distante. Falam sem paixão do crime cometido, como se estivessem relatando a história de outra pessoa.

Usei então um indicador que poderia qualificar como indicador "moral", já que é determinado pela opinião do detento sobre a razão pela qual assumiu um comportamento delitivo. Se sua conduta criminal respondeu a impulsos pessoais ou foi devida a influência de outras pessoas, da sociedade ou das circunstâncias. Para quantificar este posicionamento, perguntei a opinião do entrevistado sobre sua responsabilidade pelo delito cometido.

A variedade de argumentos é vasta e, embora depositar a culpa fora dele próprio seja a desculpa padrão do sentenciado, analisar cada uma das justificativas leva a descobrir particularidades interessantes.

"Fui obrigado a me defender... era eu ou eles.  
Foi o destino que me levou a passar por ali;  
se a gente pudesse entortar o destino, gos-

taria de não ter saído da cama naquele dia para não ter entrado nessa. Mas não dá... Não penso na família dele não, era gente tão ruim que acho que nem família devia ter."

Este é o depoimento de um pistoleiro profissional, assassino por encomenda, condenado a 12 anos de prisão por ter matado dois filhos de um fazendeiro no estado de Paraná. Não joga a culpa de seu presente em ninguém em particular: foi o destino que o levou a assassinar. Tem alguns que reconhecem a impropriedade de sua ação mas não a culpa, como aquele sentenciado que matou um amigo numa briga de bar:

"depois do que aconteceu, não sei... senti muita pena do coitado e acendi uma vela rezando pela sua alma... Não sinto a consciência pesada quando lembro dele. Sei que fiz errado, a gente não tem o direito de tirar a vida de ninguém mas... aconteceu. Deus o quiz assim."

Ou aquele outro condenado por estelionato;

"Nunca deve-se arrepender do que fez... tentar não fazer outra vez. Eu não fico lamentando por aquilo que aconteceu comigo, eu acho que a pessoa quando nasce, já nasce com aquela sina: tem que passar... e ninguém passa por ele."

Há sempre alguma coisa superior, fora da responsabilidade do assassino, que o leva a matar; seja o destino ou a vontade de Deus. Com latrocidias e ladrões acontece o mesmo. A culpa está fora deles: as circunstâncias, um padraastro bêbado, uma mãe que abandona o lar, más companhias, a cabeça fraca. Ou a droga, como se depreende do depoimento de um sentenciado por sequestro e homicídio de um garoto de 10 anos:

"A gente estava drogado... Não raciocinava direito... Se desse tudo certo a gente estava

mais que milionário agora. Não penso no garoto nem nos pais dele... Estou aqui numa pior. Tenho dó é de mim. Acho que já paguei demais. Fui judiado por todo o mundo."

## ANÁLISE DOS INDICADORES

Até que ponto os diferentes indicadores de "prisionização" classificam os mesmos presos como mais "prisionizados" ou menos "prisionizados"? Foi necessário manejar os dados obtidos na pesquisa com certo critério, analisando cada indicador individualmente e correlacionando depois os indicadores entre si. ✕

### Correlações entre indicadores

A tabela 4.1 resume as correlações entre os vários indicadores de "prisionização". Nesta tabela pode-se notar que as pessoas que se acham com mais probabilidade de voltar a cometer delitos são em geral as mesmas pessoas que acham que voltarão a ser presas e que as mesmas pessoas que recebem mais castigos por desrespeito, são as mesmas que convivem mais com "malandros".

TABELA 4.1

Correlações entre diferentes indicadores de "prisionização"

	possível co- meter delitos	culpa os outros	% malandros citados	castigos desresp.
possível ser novamente preso	0,40	0,15	-0,03	0,30
possível come- ter delitos		0,13	0,26	0,31
culpa os outros			-0,15	0,20
% malandros citados				0,45

Mas a tendência a culpar os outros é independente destes últimos fatores. Parece então que há duas dimensões no conceito de "prisionização": uma que se refere à auto-identificação do preso como um criminoso que viverá sempre no mundo do crime e uma outra, que se refere à noção de moral que o preso internalizou. Poderíamos chamar a primeira de "identidade criminal" e a segunda de "moralidade criminal".

#### O tempo de encarceramento e "prisionização"

Se as teorias colocadas na primeira parte deste capítulo fossem corretas, o tempo transcorrido atrás das grades seria um fator agravante da identidade criminal. Com o intuito de determinar a validade ou não dessa hipótese, a seguinte tabela ajuda na análise da maneira que o tempo de encarceramento contribui para a "prisionização" de um presidiário.

TABELA 4.2

Indicadores de prisionização e anos de penitenciária

Indicador	anos de condenação	anos cumpridos
Voltar à prisão	0,25	0,14
Recair no delito	0,39	0,13
Culpar os outros	0,17	0,32
Malandros citados	0,39	não usado por ser acumulativo

Observamos que existem varias correlações entre os anos de condenação e as atitudes que indicariam uma identificação com o mundo do crime; isto é: quanto maior o número de anos de condenação, maior a consolidação de uma identidade criminal. Estas correlações poderiam ser explicadas de duas maneiras:

- a.- uma identidade criminal poderia afetar o tipo de delito que se comete e o tipo de delito afetar a quantidade de anos de condenação e
- b.- a perspectiva de passar mais anos na cadeia poderia induzir o preso a se identificar mais como criminoso

As correlações com o número de anos de fato passados na prisão são esclarecedoras no sentido que indicam um crescimento da moralidade criminal com o decorrer dos anos (a correlação é 0,32) mas não um crescimento da "identidade criminal"

Quer dizer: a tendência a culpar os outros pelas infrações cometidas é diferente das outras variáveis que indicam maior identificação como criminoso. A identificação como criminoso não parece aumentar com o decorrer dos anos. O que muda efetivamente é o sentido da moral: com o tempo, os detentos começam a considerar que foram os outros -seus cúmplices, a sociedade ou a família- os que o

levaram a delinquir.

### "Moralidade criminal" e tempo atrás das grades

O que explicaria esta mudança de atitude moral frente ao crime? O discurso do preso que culpa os outros pela sua situação consiste muitas vezes num "discurso intelectualizado" sobre os fatores que levam uma pessoa a cometer delitos. Dentro da argumentação convencional sobre a origem da criminalidade ocupa lugar de destaque o discurso que associa os processos de industrialização e urbanização rápidos e desorganizados com o aumento da taxa de criminalidade. De fato, existem pesquisas que confirmam que há caminhos para o delito que começam com a emigração de pessoas pobres das áreas rurais rumo às cidades onde acabam superlotando as favelas periféricas. Entram em conflito os altos níveis de aspiração fomentados pela abundante oferta de bens e serviços, com a falta de recursos para consegui-los. A conseqüente frustração, seria causa da incorporação destes migrantes à criminalidade. Luis Paixão (1987) analisa em profundidade estes argumentos, invalidando-os.

Pois bem, poderia haver uma apropriação pelos criminosos deste tipo de argumentos transferindo a culpa dos seus delitos à sociedade, por exemplo. A seguinte tabela fornece elementos para pensar que não são poucos os presos que aprendem e adotam esse discurso para justificar seus próprios delitos.

TABELA 4.3

Correlações entre "culpa os outros" e indicadores intelectuais, urbanos e familiares

escolaridade	0,30
tamanho da cidade de origem	0,33
pessoas para correspondência	0,41
percentual de parentes citados para favores	-0,33
visita da mãe	-0,36
visita da esposa	0,19

#### A origem do preso

Pode-se observar na tabela 4.3 que há uma forte correlação entre culpar os outros, por um lado, com um maior nível de escolaridade e uma cidade de origem mais populosa, pelo outro. Poder-se-ia dizer então, que este é um recurso de presos urbanos e alfabetizados.

É sugestivo que o preso que coloca a culpa nos outros é um preso que se expressa através da escrita e mantém contato com o mundo de fora por meio de cartas (0,41 de correlação). Em resumo, o preso que culpa os outros é um preso intelectualizado:

"Eu me encontro preso por ter contrariado a lei, mas quantos que o fazem em nosso nome, se dizendo nossos representantes sem serem incomodados, mandando milhões de cruzados para os bancos estrangeiros como os da Suíça, em contas secretas, levando o país à falência, ao descrédito e a bancarrota. E como ficam? Impunes!"

"Ajudar ao menor enquanto é tempo porque depois, não adianta vir com estatísticas de aumento da criminalidade juvenil!"

Como vemos, muitos presos conseguem muito bem retomar o discurso intelectual das teorias de moda onde o indivíduo é visto como empurrado pelas circunstâncias e pelo "Sistema", a ter comportamentos delituosos. Este discurso poderia se aprender melhor com maior tempo

passado atrás das grades e maior contato com advogados, assistentes sociais e outros funcionários do presídio.

#### As visitas

A atitude moral em relação a culpa está relacionada também com as visitas da mãe (-0,36). Possivelmente o apelo moral da presença da mãe é tão forte que consegue fazer com que o preso assuma a sua própria responsabilidade perante o delito. Por outra parte, é também possível que a situação de abandono já tenha se dado na infância, etapa na qual o indivíduo forma os traços de sua personalidade, que o determinam a aceitar ou não as regras e pautas morais de convivência social:

"Minha mãe morreu quando eu tinha três anos...um casal me pegou... estudei até a quinta série. Quando eu queria fazer alguma coisa não adiantava que batessem em mim que eu fazia mesmo. Com doze anos fugi de casa."

Nota-se também que as visitas da esposa ou companheira não diminuem a tendência do preso a culpar os outros. Pelo contrário, este evento até parece intensificar essa tendência. Parece que esta mulher não possui a mesma força moral que uma mãe, embora seja também notório que a angústia dos presos aumenta quando não recebem notícias nem visitas da esposa e que sempre imaginam o pior e, quando a mulher os visita, estragam o momento feliz com dúvidas e intrigas.

"Faz já três semanas que a minha mulher não me visita, pedi para um colega que trabalha fora que telefonasse para o serviço dela e soube que ela não está mais trabalhando... deve ter sumido com outro... e não posso

culpá-la... ela está certa... o que pode esperar a mulher de um preso?"

"Minha mulher me visita cada vez menos... fala que não tem dinheiro, que as crianças estão doentes... acho que ela tem um amigo... mas ela jura que não. Estou desconfiado... quando eu sair aclaro tudo."

Contudo, não faríamos justiça aos fatos se não colocássemos depoimentos de mulheres que deixaram tudo: trabalho, moradia, parentes e amigos para ir atrás do companheiro quando ele foi trazido de outras regiões do Estado para cumprir pena na penitenciária da Capital. O morro que circunda a penitenciária abriga uma favela formada por familiares de detentos ou de ex-detentos da prisão.

"Eu posso dizer que estive 13 anos presa com ele ... quando eu cheguei neste morro passei vários meses morando com meus três filhos no porão duma casa... quando chovia, a gente se molhava pela água que corria. Só dava para ficar deitada. Depois, trabalhei numa casa e a patroa me deu alguma madeira; a Igreja me ajudou com mais um pouco e os vizinhos me ajudaram a levantar o barraco. Todos os domingos eu visitava ele e levava comidas diferentes, feitas em casa. Agora ele está com liberdade condicional e passa o dia todo naqueles bares, perto do terminal urbano (1)"

Um dos efeitos mais importantes de um tempo maior de encarceramento poderia ser a perda dos laços que ligam o preso com o "mundo de fora"; com o passar do tempo atrás das grades, diminui o seu contato com pessoas alheias à prisão tais como parentes, advogados, amigos, etc. O lapso entre as visitas tende a aumentar e

---

(1) Região de prostíbulos da Cidade de Florianópolis

se enfraquecem os contatos com pessoas de fora através da correspondência ou qualquer outro meio de comunicação. Naturalmente, também o interesse do indivíduo por eventos políticos, econômicos, sociais e culturais da sociedade livre, tende a se enfraquecer com o seu afastamento da mesma.

Uma forma de estender linhas para o mundo de fora é manter correspondência valendo-se dos endereços obtidos nos "correios sentimentais" de rádios e revistas:

"... escrevia muito para fora. Pegava o endereço dos programas de rádio e assim recebi cartas de todo Brasil. Eu respondia todas. No final da semana e antes de que apagassem as luzes, à noite, meu serviço era escrever cartas. Quando os guardas me passavam as cartas me chamavam de 'Roberto Carlos' pela quantidade de correspondência que eu tinha... Nas primeiras cartas eu não contava que era preso, mas depois eu dizia."

Contudo, esta prática tem os seus problemas tais como, por exemplo, o gasto dos escassos recursos que se conseguem trabalhando nas oficinas da prisão, na compra de selos ou a dificuldade em conseguir uma maneira de enviar as cartas sem que sejam censuradas e carimbadas pelo correio do presídio, o que revelaria o estatus de "preso" do correspondente. Ademais, para avançar no conhecimento do "outro" é necessário enviar fotografias e isto também não é simples pois o sentenciado não possui identidade, é apenas um número de prontuário. No arquivo da prisão li o seguinte "memorando":

"Peço autorização para tirar uma fotografia para mandar à minha namorada. Eu pagarei os gastos."

com a seguinte resposta da autoridade:

"O laboratório da prisão não faz fotos artísticas"

A tabela 4.4 confirma que, efetivamente, com o decorrer dos anos, o preso vê aumentar o seu isolamento:

TABELA 4.4

Relações com o "mundo de fora"  
e anos passados na prisão

indicador	anos cumpridos
visitas da mãe	-0,14
visitas da esposa	-0,32
correspondência	-0,28

#### Laços sociais e "prisionização"

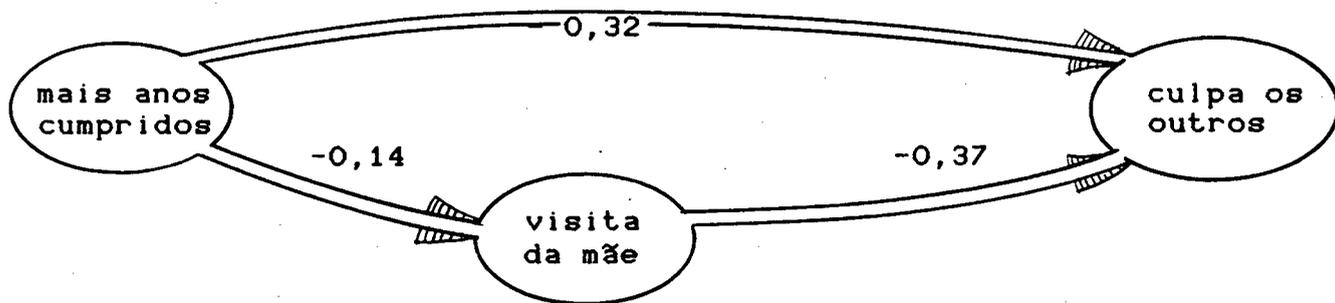
Temos observado na tabela 4.1 que a perda de contato com a mãe pode levar a uma maior "prisionização", no sentido de culpar os outros com maior ênfase. Também observamos na tabela 4.4, que os laços com o mundo de fora diminuem com o passar do tempo atrás das grades.

É um fato compreensível que quanto maior seja o tempo que passa atrás das grades, o detento veja cada vez mais aumentar o seu isolamento, mas até que ponto a perda dos laços com o exterior poderia explicar a correlação da tabela 4.2 entre tempo passado no presídio e maior tendência a culpar os outros?

A figura 4.1 resume as correlações entre estas três variáveis; nota-se que a correlação entre "culpa os outros" e receber "visitas da mãe" é um pouco maior que aquela entre "anos cumpridos" e "culpa os outros"; a correlação entre "anos cumpridos" e "visita da mãe" é

relativamente pequena.

FIGURA 4.1



Parece então que a perda das visitas da mãe explicaria apenas uma pequena parte da correlação entre maior tempo na prisão e maior tendência a culpar os outros. Deve-se notar que embora as visitas da esposa e a correspondência com pessoas de fora também diminuem com o tempo, a perda destes contatos NAO poderia explicar a tendência maior de culpar os outros com o decorrer do tempo, haja visto que estes contatos aumentam em vez de diminuir a transferência de culpa para outros. Isto reafirmaria a grande diferença entre os papéis desempenhados pela mãe e pela esposa do preso.

Por outra parte, a tabela 4.5 mostra qual a relação com o mundo de fora que incide em facilitar a vida do preso através de favores, presentes ou algum tipo de ajuda.

TABELA 4.5

Tipo de relação com o exterior e utilidade da relação

	mulher	homem	mãe	esposa	irmão	pai
Traz coisas	26(72%)	10(27%)	9(25%)	9(22%)	6(16%)	2(5%)
Faz visitas	32(64%)	17(34%)	12(29%)	7(14%)	8(16%)	5(10%)
Ajuda a família	5(62%)	3(37%)	3(37%)	1(10%)	0(0%)	3(37%)
Ajuda legal	9(52%)	8(37%)	6(35%)	0(0%)	4(23%)	2(11%)
Correspondência	41(82%)	9(18%)	8(16%)	4(8%)	10(20%)	0(0%)

Notamos que em todos os itens pesquisados a mulher participa com maior força. 72% das pessoas citadas que trazem coisas para o preso são mulheres, muitas vezes a mãe (25% das vezes) ou a esposa (22% das vezes). Em todos os outros itens a mãe participa mais do que a esposa: a mãe visita mais o filho do que a esposa o marido; também a correspondência com a mãe é mais intensa do que com a esposa. Finalmente, a mãe dá mais ajuda à família e ajuda legal. Apenas no caso de ajuda legal, o apoio dos homens aproxima-se ao das mulheres (37% e 52% respectivamente)

Resumindo, podemos concluir que há uma maior tendência dos presos culparem os outros pelas suas infrações, quando são livres da influência da mãe e quando tem um nível intelectual suficiente para conhecer e adotar o discurso sociológico vigente. Este nível é adquirido através da educação formal, através da experiência destas pessoas no seu contato com membros das classes mais instruídas e também através da convivência por longo tempo com outros detentos e

funcionários do presídio.

### Fatores relacionados à "Identidade criminal"

Já observamos que o encarceramento em si não parece influir na auto-identificação dos presos como criminosos. Por outra parte, existem alguns estudos sobre reincidência criminal que salientam como um forte fator associado à reincidência, a autoidentificação com o mundo do delito. Augusto de Sá (1986) nos propõe que o auto-conceito é eminentemente tributário e social do meio no qual vive o indivíduo e que este auto-conceito orientaria o relacionamento do indivíduo com o mundo social.

Deve-se observar, contudo, que o indivíduo se relaciona com as pessoas de acordo com a maneira que deseja ser tratado (Goffman, 1963) e que seu ingresso no mundo do crime vai afastando-o cada vez mais da sociedade, passando a relacionar-se mais com outros grupos marginais: os bandos criminais, onde este indivíduo pode encontrar a satisfação das suas necessidades e onde está sujeito a uma forte influência dos seus colegas do crime. O grupo lhe fornecerá até um status e a coesão do indivíduo com o grupo será maior quanto maior forem os perigos e as pressões da sociedade. (Sá, 1986).

Possivelmente a auto-identificação como pessoa à margem da lei, depende mais da história individual do sentenciado antes de ingressar na prisão do que dos efeitos que a prisão exerce sobre ele. Na realidade, quando um indivíduo ingressa na prisão, já traz consigo uma bagagem cultural resultante da sua interação num meio socio-econômico particular, dentro do qual criou uma carreira própria, que nunca é idêntica à de outros indivíduos que pertencem ao

mesmo meio. Se isto fosse verdade, haveriam evidências de que a tal auto-identificação está mais relacionada com o tipo de delito cometido do que com o tempo de permanência na prisão.

Por exemplo, algumas pesquisas demonstraram que quem comete um crime visando dinheiro, está mais profissionalizado na atividade criminal e o fato do indivíduo agir criminalmente em grupo sugere a formação prévia de toda uma identificação social com o apoio explícito do seu grupo social. A conseqüente marginalização e a repetição de atos delituosos pode vir a reforçar a auto-identificação deste indivíduo como criminosos em um processo crescente de marginalização.

O tipo de infrações que levaram os presos a serem condenados pode ajudar na busca de fatores comportamentais anteriores à sua entrada no presídio e que possam ter levado o presidiário a assumir uma conduta criminal. Para ver se os indicadores de "prisionização" estão correlacionados com o tipo de crime que levou ao encarceramento, distingui entre os crimes vinculados com dinheiro, dos crimes cometidos usando violência sem que o objetivo fosse o dinheiro.

Dentre os casos incluídos nesta pesquisa foram encontrados tipos de crimes enquadrados no seguintes artigos do Código Penal Brasileiro:

#### A - CRIMES ENVOLVENDO DINHEIRO

Art. 155 Furto

Art. 157 Roubo mediante grave ameaça

Art. 159 Sequestrar pessoa com o fim de obter vantagem com o resgate

Art. 171 Estelionato

Art. 180 Receptação de objetos produto de crime

#### B - CRIMES QUE NAO ENVOLVEM DINHEIRO

Art. 121 Homicídio

Art. 213 Estupro

#### C - OUTROS TIPOS DE DELITO

Além dos citados acima, apareceu um caso de condenação pelo Artigo 250: "incêndio expondo a perigo a vida ou patrimônio de outros" e outro pela Lei 6368 de combate aos entorpecentes. Por não se enquadrar dentre os critérios adotados, estes crimes não foram incluídos nas categorias anteriores e também não foi considerada uma categoria diferenciada por serem numericamente não significativos.

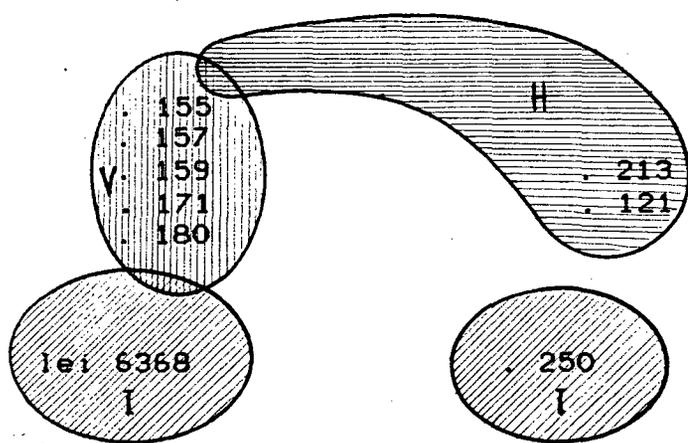
Para efeito de análise nesta pesquisa, as variáveis foram tratadas da seguinte forma:

Os presos que cometeram algum crime envolvendo dinheiro foram incluídos na primeira categoria, embora possam ter sido condenados também por um artigo da segunda categoria. Por exemplo, um indivíduo condenado pelos artigos 155, 129 e 213 é incluído no grupo de sentenciados por crimes envolvendo dinheiro. Os presos que cometeram algum crime violento

mas sem haver sido condenados por crime envolvendo dinheiro, foram classificados como "violentos sem envolver dinheiro".

O universo da pesquisa poderia então ser representado da seguinte forma:

FIGURA 4.2  
Universo de pesquisa



V= presos por crimes envolvendo dinheiro  
H= presos por crimes violentos sem interesse em dinheiro  
I= presos por outras infrações

Na tabela 4.6 os indicadores de "identidade criminal" foram correlacionados com o tipo de crime que levou ao encarceramento, distinguindo entre os crimes vinculados com dinheiro dos cometidos usando violencia sem que o objetivo fosse dinheiro.

TABELA 4.6

## Identificação como criminoso e tipo de crime

tipo de crime	voltar a prisão	castigo por desrespeito	malandros citados
envolvendo dinheiro	0,30	0,30	0,33
violentos sem envolver dinheiro	-0,27	-0,25	-0,27

Em números absolutos, 38% dos condenados por crimes motivados pelo dinheiro acharam possível ser novamente preso, enquanto nenhum dos condenados por crimes violentos sem objetivar dinheiro pensa em retornar a prisão, como demonstra a tabela 4.7, a seguir.

TABELA 4.7

## Tipo de delito e voltar a prisão

tipo de crime	voltar a prisão		quantidade de criminosos
	sim	não	
só violência (H)	0	7	7
dinheiro com ou sem violência (V)	6	17	23

Observa-se também que quem cometeu crimes por dinheiro tem mais relações com "malandros" dentro da penitenciária, enquanto os sentenciados por crimes violentos sem envolver dinheiro tem poucas relações com "malandros". De forma semelhante, Augusto Sá (1986) mostra que a reincidência criminal é mais provável para quem cometeu delitos contra a propriedade, sendo que em uma de suas pesquisas determinou que o 42% do universo era constituído por delitos contra a

propriedade e que os crimes violentos participavam com o 4,6%

De tudo isto podemos conjecturar que o tipo de delito é um forte fator de expectativa de conduta criminal. Isto possivelmente se deva ao fato de que os crimes violentos sem envolver dinheiro são, no geral, crimes de tipo "passional". Isto é: homicídios resultantes de brigas de bar, de vizinhos ou do lar.

## CONCLUSÕES

Do ponto de vista do trabalho de campo, a Penitenciária de Florianópolis é uma instituição que facilitou bastante o desenvolvimento da minha pesquisa. Construída na Ilha de Santa Catarina na década de 1920, esta prisão possui na área de Regime Fechado todos os elementos que caracterizam uma Instituição Total e, no Regime Semi-aberto, uma prisão que permite um maior contato dos internos com o mundo exterior.

Assim, pode-se encontrar nesta penitenciária as características tradicionais da prisão cuja finalidade é retirar os contraventores perigosos do seio da sociedade, isolando-os sob um regime de alta segurança e, por outra parte, obedecendo o critério de que a prisão deve ser um meio de recuperar os criminosos, possui os elementos considerados necessários para a "reeducação" do interno, tais como oficinas, sala de aula, biblioteca e as próprias instalações do Regime Semi-aberto, que albergam os detentos que podem, circunstancialmente, sair da prisão para trabalhar fora dela.

Por se tratar de uma penitenciária que alberga uma população relativamente pequena, com poucos internos de alta periculosidade, as minhas atividades de pesquisa puderam ser desenvolvidas sem maiores obstáculos e, embora o universo pesquisado não seja comparável ao existente em prisões como as de Rio de Janeiro ou São Paulo, o acesso à informação é mais rico assim como é mais fácil o contato direto com detentos e ex-detentos.

Essas características da Penitenciária de Florianópolis permitiram-me pesquisar os meandros da vida no interior de uma prisão. Pude assim observar até que ponto o ingresso do presidiário na instituição constitui um rito de passagem como os descritos por Van Gennep (1908). O acompanhamento do dia-a-dia de um preso permitiu-me comprovar como os internos padecem os medos, anseios, esperanças e decepções que são comuns a qualquer pessoa, embora dentro da prisão devam ser obedecidas regras específicas, próprias do "mundo da massa", com uma morfologia diferente, mas com uma estrutura básica que pode ser encontrada também fora da prisão.

Me foi possível pesquisar assim a linguagem, os códigos morais e comportamentais, as relações sociais e a interação dos habitantes do "mundo da massa", corroborando a dificuldade em fazer generalizações sobre todos os presos ao considerar a diversidade de interesses pessoais em pugna dentro da prisão, a existência de uma cultura diversificada, com pessoas diferentes desempenhando diferentes papéis sociais, econômicos, políticos e sexuais.

Os dados desta pesquisa sugerem que a identidade criminal é construída antes de ingressar no sistema carcerário, provavelmente na infância ou na adolescência. Este fato é importante pois, ao enfatizar o papel da "aculturação" produzida pela vida dentro do presídio, o pesquisador corre o risco de contribuir para a estigmatização do preso quando da sua saída da prisão, concluindo que, apenas pelo fato de ter passado por uma penitenciária, o indivíduo que esteve preso tem grandes possibilidades de reincidir

Nesse sentido, Harris (1975) demonstra que quanto maior o tempo dentro do presídio, maior a valorização da vida criminosa por parte do interno mas é preciso esclarecer porém, que minha pesquisa foi realizada entre adultos presos e os efeitos de uma internação na consolidação de uma identificação com o crime entre adolescentes (como os da pesquisa de Harris), deve considerar outros aspectos, tal como o de ponderar que para um adolescente, a permanência na prisão representa um fator importante na sua formação como indivíduo, possivelmente não tanto pela instituição como pela idade do interno. Na sua pesquisa, Middendorff (1970), toma como critério de precocidade o hábito criminal adquirido até os 19 anos. Numa pesquisa recentemente publicada na revista Science, os autores Blumstein e Cohen (1987) demonstram que os criminosos geralmente terminam suas carreiras, ou antes de chegar aos vinte anos ou depois de alcançar os quarenta.

Por sua vez, Goffman (1961) sustenta piamente que as perdas sociais sofridas na prisão são irrecuperáveis e podem ser sentidas como tais, levando o interno a um "desaculturação permanente" em relação ao mundo livre. Com relação a esta posição, parece-me conveniente lembrar aqui que, de acordo com descobertas não muito recentes da psicologia, o homem "normal" tem grande capacidade para se adaptar às novas situações. Assim como ele se adapta à vida na prisão, ele é também capaz de se adaptar à vida em liberdade. (Augusto de Sá, 1987).

Considere-se ainda que no seu processo adaptativo, o indivíduo está em contínua sintonia dinâmica com o meio e as suas vicissitudes, como condição básica de sobrevivência. Nesta interação, ele é capaz

de "reajustar seus padrões de resposta frente a novas contingências externas (ou mesmo interna)." (A. de Sá, 1987: 6)

Há, todavia, outra razão para questionar a estigmatização dos ex-presidiários. Se aceitarmos que uma maior idade pressupõe maior maturidade, maior preparo, melhor senso de realidade e menor imediatismo na busca de soluções, seremos levados a acreditar na menor probabilidade de reincidência, pois o sujeito sairá já velho da prisão, como o raciocínio bem sedimentado.

As considerações tecidas até aqui oferecem elementos para supor que a "identidade criminal" é consolidada até a adolescência do criminoso. Isto é: a tese de que um indivíduo entra na prisão "bom" e sai "mau" não parecer ter sustento. A presente análise do fenômeno de "prisionização" na Penitenciária de Florianópolis parece sugerir que o comportamento delinquente é trazido de fora dos muros da prisão e que, se é correto criticar a prisão como instituição que nada faz para tirar os seus internos da vida criminal, não podemos afirmar que ela produza "identidade criminal", embora possa contribuir para mudar a noção de moral dos presos.

Acredito que de fato existe sim um circuito que produz e reproduz delinquentes e que podem existir forma de aculturação compulsiva ou "prisionização" de internos em institutos penitenciários mas, de acordo com o que observei na minha pesquisa, penso, como Harris, que o fenômeno ocorre com maior intensidade nos institutos e fundações que encerram menores, indivíduos que estão em processo de formação de sua personalidade. Há estudos que demonstram que 80% dos internos em penitenciárias de adultos, já passaram previamente por instituições de "proteção" ou do "bem-estar" do menor.

Sou ciente, por outro lado, que os adultos internos em unidades penitenciárias são em definitivo bodes expiatórios de uma sociedade que os expulsou do convívio em liberdade e que acabam por servir de justificativa, como bem analisou Foucault, para a manutenção de um conjunto de interesses econômicos que gira em torno do sistema penitenciário.

Quem sabe o fato da tendência a culpar os outros (que aumenta com o decorrer do tempo passado no presídio, como comprovei na pesquisa) não significa uma tomada de consciência do preso em relação a seu papel de vítima, quando a sociedade lhe atribui o de vitimário.

Assim, quem ousaria propor a construção de novos presídios para melhorar as condições de vida dos presidiários em unidades superlotadas, particularmente nas grandes cidades, sabendo que estas novas prisões acabariam por sustentar aqueles interesses e que não iriam a introduzir melhorias de fundo à questão penitenciária?. Se considerarmos que, apenas em São Paulo, existiam em 1987 oitenta mil mandados de prisão sem efetivar, os presídios que possam vir a ser construídos nesse Estado já nascerão com sua capacidade esgotada.

O Direito Penal Brasileiro está assentado na premissa da "livre determinação", reconhecendo a liberdade do réu e a sua responsabilidade pelos seus atos. Toda tarefa pedagógica de reeducação que é proposta como objetivo do Sistema Penitenciário se opõe a essa premissa já que a privação da liberdade como forma de punição busca o remorso do réu (cap 4). Contudo, dos resultados de minha pesquisa pode-se observar que quanto maior é o tempo que o preso permanece na prisão, maior é a sua tendência a culpar os outros pela sua situação.

Isto é eximir-se da culpa, transferindo a responsabilidade para fora de si. Quer dizer: como fim pedagógico, obtém-se um resultado contrário ao pretendido.

Contudo, para que o Sistema justifique melhor os salários (baixos) pagos aos (poucos) assistentes sociais, psicólogos, professores e demais trabalhadores cujo objetivo é dar apoio aos condenados e procurar os meios para sua reeducação, parece-me que há coisas a fazer para melhorar o atual desempenho do sistema: para conseguir algum sucesso na "reeducação", deveria então ser desenvolvido um trabalho baseado na noção de culpa e, nesse aspecto, a influência das visitas da mãe sobre a auto-responsabilidade do preso pelos seus atos parece mais do que evidente. Facilitar o contato materno durante todo o tempo de condenação seria uma contribuição para a recuperação do interno.

Embora exista uma extensa "cifra negra da criminalidade" incluindo os delinquentes que estão fora da prisão, crimes não investigados e outros sequer denunciados (Thompson, 1983), este fato não deve levar a pensar que os delinquentes presos na penitenciária não mereçam estar ali. Pude comprovar na minha pesquisa que, no caso de crimes contra a propriedade, quem está na prisão não é ladrão de galinha já que, como comentava uma advogada funcionária da Penitenciária: "para ser sentenciado e pagar sua pena aqui, o preso já cometeu uma série de delitos e já passou por diferentes delegacias do Estado".

Ainda assim, não é demais questionar as justificativas éticas para o aprisionamento: ele não reeduca e não recupera. Serve apenas para tirar de circulação uma pequena parcela de delinquentes que,

pela sua situação socio-econômica, não consegue evitar o encarceramento.

Como já disse, continua vigente o desafio intelectual e político de encontrar alternativas para a pena da prisão que sejam realmente eficazes para controlar o crime, vencendo as resistências preconceituosas, os interesses econômicos envolvidos na manutenção do sistema e o comodismo da burocracia judicial.

Finalmente, gostaria de enfatizar que o controle da criminalidade será mais efetivo a médio prazo se é priorizada a prevenção primária, atendendo os menores não institucionalizados e melhorando as condições das instituições que se ocupam dos menores.

## BIBLIOGRAFIA

- ABBOT, Jack H.  
1981 No ventre da besta - Cartas da prisão  
Tradução de Maria C. Santos Raposo  
Rio de Janeiro, F. Alves, 1982, pp 182
- ALBUQUERQUE, Cleidi  
1983 Tecendo Redes Sociais: Articulação de Instituições  
Sociais Numa Localidade Pesqueira de Santa Catarina  
Disertação de mestrado - Universidade Federal de  
Santa Catarina
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon  
1980 Instituições e poder: a análise concreta  
das relações de poder nas instituições  
Rio de Janeiro, Graal, pp 164
- ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira  
1983 Pequenos bandidos  
São Paulo, Global ed.
- BARTH, Fredrik (comp.)  
1969 Los grupos étnicos y sus fronteras.  
México, Fondo de Cultura Económica, 1976, pp 7-49
- BLUMSTEIN, Alfred e Jacqueline Cohen  
1987 Characterizing Criminal Careers  
Science v: 237, Articles pp 985-991
- BOSCHI, Renato Raul (org)  
1981 Violência e cidade.  
Rio de Janeiro, Zahar, pp 88
- CAMARGO, Maria Soares de  
1984 Terapia penal e sociedade  
Campinas, Papirus, pp 136
- CLEMMER, Donald  
1970 Prisonization. In "The Sociology of punishment and  
correction": Johnston, Savitz and Wolfgang  
New York, John Wiley and Sons, 2nd ed. pp 479-483
- FOCAULT, Michel  
1975 Vigiar e Punir - Nascimento da Prisão  
Tradução de Ligia M. Ponde Vasallo  
Petrópolis, Vozes, 2da. ed. 1983, pp 280

- FOX, Vernon  
1970  
Prison, Disciplinary Problems, in "The sociology of punishment and corection": Jhonston, Savitz and Wolfgang.  
New York, 2nd. ed. pp 393-400
- FREITAS, Renan  
1985  
Reversos hierárquicos e eclosão de conflitos em prisões  
Revista de Administração Pública 19 (4) pp 27-33
- GENNEP, Arnold van  
1908  
Os ritos de passagem  
Tradução de Mariano Ferreira  
Petrópolis, Vozes, 1978, pp 182
- GOFFMAN, Erving  
1961  
Manicômios, Prisões e Conventos  
Tradução de Dante Moreira Leite  
São Paulo, Perspectiva, 1974, pp 316
- 1963  
Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada  
Tradução de Maria B. de M. L. Nunes  
Rio de Janeiro, Zahar, 4a ed. 1982, pp 158
- GUIMARAES, Alba Zaluar  
1975  
Desvendando máscaras sociais.  
Rio de Janeiro, F. Alves, 2a ed. 1980, pp 264
- HARRIS, Anthony  
1975  
Imprisonment and the expected value of criminal choice: A specification and test of aspects os the labeling perspective  
American Sociological Review, v. 40, pp 71-87
- LEMGRUBER, Julita  
1983  
Cemitério dos vivos - Análise sociológica de uma prisão de mulheres  
Rio de Janeiro, Achiamé, 1983, pp 142
- MANDROU, Robert  
1968  
Magistrados e feiticeiros na França do século XVII  
Tradução de N. Sevchenko e J. Guinsburg  
São Paulo, Perspectiva, 1979, pp 462
- MUAKAD, Irene Batista  
1971  
Prisão Albergue  
São Paulo, Cortez, pp 160
- NEUMAN, Elias  
1971  
Evolución de la pena privativa de la libertad y los regímenes penitenciarios  
Buenos Aires, Panneville, pp 272
- 1988  
El Patrón - Radiografía de un crimen  
Buenos Aires, Emecé

- OLIVEN, Ruben George  
1982 Violência e Cultura no Brasil.  
Petrópolis, Vozes, 2da. ed. 1983, pp 88
- OLIVEIRA, Odete Maria  
1984 Prisão: um paradoxo social  
Florianópolis, Ed da UFSC, p 266
- PAIXO, Antonio Luiz  
1987 Recuperar ou Punir ? - Como o Estado trata  
o criminoso  
São Paulo, Cortez: Autores associados (Cole-  
ção Polêmicas de nosso tempo v. 21), pp 88
- PELL, Eve  
1972 Maximum Security - Letters from California's  
prisons  
New York, pp 256
- PERRUCCI, Maud F. de A.  
1983 Mulheres encarceradas  
São Paulo, Global Ed. pp 144
- PINHEIRO, Paulo Sergio (org)  
1983 Crime, violência e poder  
São Paulo, Brasiliense, pp 277
- QUIROZ, José J. (org)  
1985 As prisões, os jovens e o povo  
São Paulo, Paulinas, pp 264
- RAMALHO, José Ricardo  
1979 Mundo do crime - A ordem pelo avesso  
Rio de Janeiro, Graal, 2a. ed. 1983, pp 232
- SÁ Albino A. de  
1987 Reincidência criminal: sob o enfoque da  
psicologia preventiva  
São Paulo, EPU pp 122
- SOUZA, Percival de  
1977 A prisão - histórias dos homens que vivem  
no maior presídio do mundo  
São Paulo, Editora Alfa-Omega, p 132  
1985 Os meios de comunicação social e os cárceres  
in "A prisão os jovens e o povo" Org. Queiros  
pp 113-118
- SUSSEKIND, Elizabeth  
1984 A justiça dos homens - Dissertação de Mestrado  
Departamento de Ciências Jurídicas PUC/RJ

- SYKES, Gresham  
1958 The Society of Captives.  
New Jersey, Princeton, University Press, 1971,  
pp 144
- THOMPSON, Augusto F.  
1976 A questão penitenciária.  
Petrópolis, Vozes, pp 164  
1983 Quem são os criminosos?  
Rio de Janeiro, Achiame, pp 146
- TORRES, André  
1979 Exílio na Ilha Grande  
Petrópolis, Vozes, 3a. ed. 1985, pp 220
- ZALD, Mayer N.  
1962 Igualdade de poder e conflito de pessoal  
em Instituições Correcionais  
Administrative Science Quartely: vol. 7 pp 22-49

## ANEXOS

### QUESTIONÁRIO 1

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Estado civil antes de ingressar
4. Estado civil atual
5. Foi condenado pelo artigo.....a ..... anos de prisão
6. Já cumpriu.... anos
7. Tipo de Regime
8. Foi trasladado de penitenciária?....  
motivo?.....
9. É reincidente?..... Sua reincidência no delito foi  
a) falta de oportunidade de trabalho....  
b) influência de amigos ou conhecidos...  
onde os conheceu?.....  
c) outros motivos (especificar)
10. Já esteve uma vez internado no manicômio?.....Quantas vezes?....  
Qual foi o motivo?.....
11. Tem filhos?....alguns nasceram depois de sua prisão?.....  
tem notícias deles?....morava com eles antes de ingressar?....
12. Escolaridade ao ingressar
13. Profissão ao ingressar
14. Em que cidade mora sua família?....sempre morou ali?....
15. Você já foi castigado?....motivo?....quantas vezes?....  
que tipo de castigo?.....
16. Frequenta ou frequentou algum curso?....por quê frequenta?.....  
em caso de estar repetindo uma série escolar, qual o motivo?.....
17. Frequenta algum culto religioso?.... qual?..... antes  
frequentava outro?.... Quando?.....
18. Fugiu alguma vez?....Quantas vezes?....Fugiu junto com outros?....
19. Tentou fugir?.... Por quê não conseguiu?.....
20. Pratica algum esporte?....Qual?.....

21. Que drogas usou?.....
22. Qual a pior experiência que já teve na prisão? (cadeia pública, penitenciária, etc.).....
23. Qual a melhor experiência?.....
24. Foi arrojado alguma vez?....
25. Ouve rádio?....Assiste TV?....Que programas?.....

### QUESTIONÁRIO 2

1. Aprendeu uma profissão nova que poderia usar ao sair?....Qual?....
2. Acha que sua família o aceitará ao sair?....
3. Acha que será tratado diferente ao sair?....
4. Acha que vai conseguir emprego ao sair?....
5. Acha possível ser novamente preso?....  
por quê?.....
6. Acha que poderia cometer delitos sem que a polícia o pegue?....
7. Por quê voce acha que as pessoas cometem delitos?....
8. Quanto tempo de prisão você acha que deveria ter recebido?....
9. Você aceitaria um ex-condenado como amigo?.... Como cunhado ou genro, etc.?....
10. A escada aqui em baixo representa sua vida. O degrau mais baixo representa a pior vida que poderia imaginar para voce. O de cima representa a melhor vida possível. Que degrau representaria melhor a sua vida?.....

### QUESTIONÁRIO 3

1. Quem pode lhe ajudar com recados? (de fora / de dentro)
2. Quem pode lhe emprestar dinheiro / cigarros?
3. Quem pode escrever memorandos ou cartas para você?
4. Com quem joga dominó ou outros jogos?
5. Quem pode lhe dar apoio físico se precisar?
6. Quem lhe dá apoio moral?

7. Quem lava sua roupa?
8. Quem costura para você?
9. Quem limpa o seu cubículo/alojamento?
10. Quem lhe ensinou como se virar aqui dentro? (Quem lhe deu conselho, quem lhe ensinou a fazer consertos, artesanato, etc.)
11. De quem tem mais raiva (briga mais) aqui dentro?
12. Com quem você transa aqui dentro?
13. Quem lhe traz coisas de fora?
14. Quem visita você?  
Com que frequência ?
15. Quem ajuda sua família?
16. Quem lhe ajuda com problemas legais?
17. Quem lhe empresta livros ou revistas?
18. De quem recebe correspondência?

## QUESTIONÁRIO 4

### CARACTERÍSTICAS DOS CITADOS

1. Idade?
2. Sexo?
3. Estado civil?
4. Profissão/nível de vida?
5. Preso/funcionário/guarda?
6. Parente?
7. Colega de trabalho?
8. Amigo?
9. Tem família?
10. É rato de xadrez?
11. É vagabundo?
12. É malandro?
13. Vive na massa?
14. É jurão?
15. É loque?
16. É fanchona?
17. É travesti/maezinha/criança?
18. É cagoeta?
19. É sujo/limpo/limpo-limpo?